



Ensaio  
sobre  
O Livro  
dos  
Espíritos

2

Claudio C. Conti

# Ensaaios sobre O Livro dos Espíritos

Segundo triênio  
Questões 134 à 455

COLETÂNEA DE ARTIGOS PUBLICADOS NO  
JORNAL CORREIO ESPÍRITA  
Dez/2016 à Nov/2019

Claudio C. Conti

# Índice

Alma ou Espírito? -----	5
Materialismo e Religiosidade-----	10
A Alma Após a Morte -----	15
A Individualidade -----	20
Vida Eterna -----	25
Os Laços que Ligam a Alma ao Corpo -----	30
Separação da Alma e do Corpo -----	34
Perturbação Após a Morte -----	38
Reencarnação -----	41
Postulados Espíritas-----	45
Encarnação nos Diferentes Mundos -----	48
Faixa Evolutiva dos Mundos -----	52
O Espírito - Esse Viajante-----	56
Sorte das Crianças Após a Morte -----	59
Família -----	66
Hereditariedade-----	70
Limitações ao Acervo do Espírito -----	74
Considerações Sobre a Encarnação-----	78
Erraticidade -----	81
O Espírito na Erraticidade-----	85
Mundos Transitórios -----	89
Percepção dos Espíritos -----	93
Sufrimento dos Espíritos -----	97
Curas Espirituais-----	101

Escolha das Provas-----	108
A Questão da Obediência -----	112
Relações Entre Desencarnados -----	116
O Sono -----	120
O Sonho -----	124
Visitas Espíritas entre Pessoas Vivas -----	128
Transmissão de Pensamento -----	132
Sono e Sonambulismo -----	136
Êxtase e Dupla Vista-----	140

Dezembro de 2016

## **Alma ou Espírito?**

Os conceitos de alma e de espírito se confundem e, ao final, parece se tratar da mesma coisa. Contudo, certas nuances que podem ser observadas conduzem à conclusão de que o objeto de avaliação é o mesmo, porém, as condições em que pode se encontrar são distintas.

Verifica-se que Kardec foi muito cuidadoso em seus questionamentos a este respeito e, pode-se dizer, até certo ponto, insistente. Pode-se supor que o Mestre Lionês estava ciente da necessidade de projetar alguma luz sobre os cantos que permaneciam na obscuridade. Assim, alma e espírito foram abordados nas seguintes questões<sup>1</sup>:

134. Que é a alma?

“Um espírito encarnado.”

134. a) Que era a alma antes de se unir ao corpo?

“Espírito.”

134. b) As almas e os espíritos são, portanto, idênticos, a mesma coisa?

“Sim, as almas não são senão os espíritos. Antes de se unir ao corpo, a alma é um dos seres inteligentes que povoam o mundo invisível, os quais temporariamente revestem um invólucro carnal para se purificarem e esclarecerem.”

Das três questões transcritas, verifica-se a equivalência entre alma e espírito como sendo uma e única coisa. Somente quando se encontra no estado de “alma”, o espírito cria/desenvolve/elabora um corpo material - o corpo de carne. Contudo, em se tratando de alma, surge, ainda, um outro componente, aquilo que os espíritos responsáveis pela Codificação Espírita denominaram de “laço”, que liga a alma ao corpo. Este laço, dizem, é necessário para que haja comunicação entre os dois extremos, por assim dizer. Esta comunicação deve ser vista, conforme afirmado, como uma via em dois sentidos, assim, a informação flui tanto do espírito para o corpo, quanto do corpo para o espírito<sup>2</sup>.

Em comentário à estas respostas, Kardec explica a posição relacional, não necessariamente espacial, deste laço utilizando-se das partes constituintes de um fruto. Assim, denomina de “perisprito” em comparação com o perisperma de um fruto<sup>3</sup>, que faria a ligação entre a semente, na parte mais interna, e a casca, a parte mais externa. No livro A Gênese, Kardec reforça o mesmo

conceito ao dizer que o perispírito é "o veículo da transmissão do pensamento e, durante a vida do corpo, serve de laço entre o espírito e a matéria"<sup>4</sup>.

Contudo, ao desencarnar, o espírito mantém o seu perispírito; nesta condição não haveria a necessidade de ligação com um corpo mais denso. Onde, então, o laço? Qual seria o seu funcionamento?

Obviamente que muito ainda há para se descortinar no que concerne o espírito e as formas possíveis para se expressar na matéria. Todavia, algumas ilações são possíveis, visando o aprimoramento do entendimento.

No processo encarnatório, verifica-se um processo, ou propriedade, peculiar do perispírito. Nas palavras de Kardec: "Quando o espírito tem de encarnar num corpo humano em vias de formação, um laço fluídico, que mais não é do que uma expansão do seu perispírito, o liga ao gérmen que o atrai por uma força irresistível, desde o momento da concepção. A medida que o gérmen se desenvolve, o laço se encurta"<sup>5</sup>.

O corpo físico é suscetível à mudanças ao longo da vida. Pode-se citar, como por exemplo, as numerosas transformações com a chegada da puberdade, período em que ocorre a ativação de processos que permanecem latentes até o momento oportuno, decorrente de processos precedentes que estabelecem as condições propícias e necessárias para o

amadurecimento do corpo. Assim, o corpo físico é um todo dinâmico em constante mudança, dependendo da situação e condição em que se encontrar.

Similarmente, pode-se interpretar o perispírito: um todo dinâmico em constante mudança. Uma destas mudanças é uma espécie de “amadurecimento”, decorrente de processos precedentes, que conduzirão à certas condições que demandarão a formação de uma “casca” ou “camada” mais densa ao seu derredor. Por “derredor” deve-se entender como uma componente relacional, como dito anteriormente, e não necessariamente espacial.

A transformação ocorrida no perispírito quando chegado o momento de nova experiência na carne, conduzirá, ou ativará, a formação do laço, um espécie de força que gerencia a formação do corpo físico.

Em processo inverso, no caso da desencarnação, ocorrerá uma nova transformação perispiritual que conduzirá à cessação das forças relacionadas com o laço, tal como ocorre na idade mais avançada em que glândulas ativadas na puberdade, são, por assim dizer, desativadas e deixam de produzir certos hormônios.

A dificuldade encontrada pelos espíritos, nos casos de suicídio, pode ser interpretada como tendo a desencarnação ocorrida antes de que a transformação necessária do perispírito tenha ocorrido. As forças relacionadas com o laço continuam ativas, mas não



encontram a contrapartida carnal, conduzindo aos mais diversos desajustes.

Importa ressaltar que os casos de suicídio não são todos iguais, havendo atenuantes e agravantes, dependendo da situação<sup>6</sup>. O mesmo princípio pode ser aplicado às mortes violentas.

Por fim, os termos "alma" e "espírito" corresponderiam à etapa de desenvolvimento do ser, o qual será impresso no perispírito, tal como infância, puberdade, madureza são etapas no desenvolvimento humano que correspondem ao estado do corpo físico.

Notas bibliográficas:

1. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos.
2. \_\_\_; O Livro dos Espíritos; 135 e 135a.
3. \_\_\_; O Livro dos Espíritos; Comentário à questão 135.
4. \_\_\_; A Gênese; Cap. I.
5. \_\_\_; A Gênese; Cap. XI.
6. \_\_\_; O Evangelho Segundo o Espiritismo; Cap. V.

Janeiro de 2017

## **Materialismo e Religiosidade**

Materialismo e religiosidade são, à princípio, duas vertentes opostas no modo de encarar a vida. Sendo pólos distintos, fica a seguinte questão: O materialismo é sempre ruim e a religiosidade é sempre boa ou vice-versa, dependendo do ponto de vista?

Percebe-se, nos dias atuais, em decorrência da quantidade de informação e da disponibilidade de ampla possibilidade de debates, que não se pode avaliar questões como esta de forma tão simplista. Em tempos idos, os debates mais complexos permaneciam no seio dos intelectuais apenas, aos quais a população comum não tinha muito acesso e/ou capacidade de entendimento.

Kardec questiona os espíritos sobre o materialismo e, além disso, apresenta uma avaliação pessoal. Diz ele que a ideia materialista atribui toda importância às propriedades da matéria e, com isso, a morte seria a aniquilação do próprio pensamento<sup>1</sup>.

Contudo, Kardec continua sua colocação dizendo que o bem e o mal perderiam significação, conduzindo o homem a pensar unicamente em si mesmo e na satisfação de seus interesses pessoais. Diz, ainda, que

esta posição era, à sua época, muito circunscrita, constituindo apenas opiniões individuais<sup>1</sup>.

Assim, segundo o Codificador, as instituições não estariam subjugadas à doutrina materialista e, portanto, não representava grande ameaça. O materialismo, assim como qualquer vertente de pensamento equivocada, enquanto individual e localizada, não necessariamente causa malefícios à coletividade.

Amit Goswami, físico e renomado autor de vários livros em que correlaciona a física quântica com temas espirituais, reconhece que a visão materialista adotada pela ciência acadêmica atual já impregnou, por assim dizer, as instituições sociais<sup>2</sup>.

Qual seria o fundamento de tantos problemas que podem ser gerados pelo materialismo quando toma dimensões mais amplas? Afinal, tendo como foco a matéria em si e os gozos dela decorrentes, por que não busca, o homem, o bem estar social, mesmo que materialmente falando? Seria a religiosidade realmente a salvação para a sociedade atual?

Em um passado não muito distante, o “mundo ocidental” vivia sob as diretrizes da Igreja, todavia, o respeito e cuidados aos cidadãos não era o foco principal, inclusive, a própria Igreja foi responsável por um período sombrio na história da humanidade - a Inquisição.

Atualmente, muitos países são governados por instituições religiosas das mais variadas vertentes e, nem por isso, existe paz, harmonia e bem estar entre seus concidadãos. O que se verifica é que a opressão se mantém de forma muito intensa, onde a liberdade de expressão é completamente cerceada e imposição de comportamento e costumes, muitos ainda bárbaros.

Mesmo em países que não são diretamente governados por instituições religiosas, verifica-se uma forte tendência em comportamentos de exploração de fiéis e tentativas de imposição de suas doutrinas, inclusive de participação no governo. Muitas delas incitam ao preconceito e, com isso, geram discórdias das mais variadas.

A vertente materialista se impõe pela força e desrespeito. A vertente religiosa, por sua vez, se impõe pela crença deturpada e exploração da ignorância espiritual da população que não procura esclarecer.

Em uma observação mais detalhada, percebe-se que o problema fundamental da sociedade atual não se encontra na vertente de pensamento em si, seja ela materialista ou de qualquer uma das religiões vigentes, mas nas tendências morais. O materialismo por si mesmo não conduz aos desvios morais e, por sua vez, a religiosidade por si mesma não conduz à transformação moral.

Os espíritos responsáveis pela Codificação Espírita dizem que “não é exato que o materialismo seja uma consequência dos estudos científicos conduzidos pelos cientistas. O homem é que deles tira uma consequência falsa, pela razão de lhe ser dado abusar de tudo, mesmo das melhores coisas”<sup>3</sup>.

Portanto, extrapolando esta afirmação, pode-se dizer que é o homem que abusa, tanto dos conceitos que conduzem ao materialismo quanto daqueles que conduzem à religiosidade.

No passado, os conceitos de religiosidade e de espiritualidade se confundiam e eram tomados um pelo outro. Por isso, para o ocidente, a concepção da crença em Deus, por exemplo, somente era entendida quando correlacionada com religião e o mesmo se aplicava aos ensinamentos apresentados por Jesus. Todavia, ambos transcendem à religião. Deus e Jesus já não mais “pertencem” aos religiosos e seus líderes.

Atualmente, no meio acadêmico/científico, religião e espiritualidade possuem definições distintas. Um bom exemplo são os conceitos apresentados pelo National Cancer Institute (EUA), em que diz: “A religião pode ser definida como um conjunto específico de crenças e práticas, geralmente dentro de um grupo organizado. Espiritualidade pode ser definido como o sentido individual de paz, propósito e conexão com os outros, e crenças sobre o significado da vida. Espiritualidade pode

ser encontrada e expressa através de uma religião organizada ou de outras formas”<sup>4</sup>. (tradução livre)

Espiritualidade é um estado de ser do indivíduo que transcende as abordagens materiais da vida, incluindo rituais e práticas ditas sagradas apregoadas pelas religiões.

Assim, pode-se compreender a colocação dos espíritos responsáveis pela Codificação<sup>3</sup>, pois da mesma forma que o homem pode tirar consequências falsas, também pode tirar consequências benéficas para si próprio e para a sociedade como um todo. Desta forma, fazer o bem ou fazer o mal depende do indivíduo, e não da crença que professa.

#### Notas bibliográficas:

1. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos; comentário à questão 148.
2. Amit Goswami; O Ativista Quântico; e-book; Prefácio.
3. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos; questão 148.
4. National Cancer Institute; <http://www.cancer.gov/about-cancer/coping/day-to-day/faith-and-spirituality/spirituality-pdq>

Fevereiro de 2017

## **A Alma Após a Morte**

O que ocorre após a morte é um questionamento que permeia a mente da grande maioria das pessoas. Talvez, seja possível atribuir este questionamento ao imenso medo do evento final à vida como a conhecemos na condição de encarnados.

Muitos dizem não temer a morte em si, mas a forma como ocorrerá, aludindo à um possível sofrimento em decorrência de enfermidade ou de acidente. Contudo, se é que realmente são sinceros nesta colocação, é possível que não considerem a existência após o evento final.

Contudo, para os espíritas, este deve ser um tema de profundas reflexões, pois, a condição no pós-morte estará em conformidade com a condução da existência enquanto encarnado.

Em O Livro dos Espíritos, Kardec questiona sobre o que acontece com a alma no evento da morte. A resposta que obtive não poderia ser mais simples: “Volta a ser espírito, isto é, volve ao mundo dos espíritos, donde se apartara momentaneamente.”(1)

Assim, podemos avaliar o pós-morte sob dois aspectos: a) O material e; b) O espiritual.

#### a) Avaliação sob o aspecto material

Em artigo anterior, intitulado Matéria Viva, concluiu-se que, "por 'matéria viva', deve-se entender a matéria que esteja combinada com fluido vital, componente que lhe confere condições para que o espírito possa interagir, seja momentaneamente, como nos fenômenos físicos, ou por períodos mais longos, como nas reencarnações."(2)

Em outro artigo, intitulado Estados da Matéria, vida e morte foram abordados como eventos materiais, isto é, processos que ocorrem exclusivamente na matéria em função da presença ou ausência de fluido vital. Nesta abordagem, vida e morte mais não são do que estados distintos da matéria, assim como os estados sólido, líquido e gasoso para a água, o qual depende da "quantidade" de calor presente, que corresponde à temperatura. (3)

#### b) Avaliação sob o aspecto espiritual

Em artigo mais recente, com o título Alma ou Espírito?, fez-se uma distinção entre alma e espírito sob o ponto de vista de estado de maturidade, por assim dizer, tanto para a encarnação quanto para o processo inverso, a desencarnação.(4)



A Providência atua em todos os cantos e situações na obra da Criação através de leis bem definidas, as denominadas Leis Divinas. Assim, ao atingir um estado de "maturidade" enquanto na erraticidade, que deve estar relacionado com o aprendizado naquela condição, transformações perispirituais, gerenciadas pelo espírito, ocorrerão e que, por sua vez, conduzirão ao processo encarnatório.

Processo equivalente terá lugar na situação inversa, isto é, o atingir um estado de "maturidade" enquanto na condição de encarnado, que também deve estar relacionado com o aprendizado, transformações perispirituais ocorrerão no sentido contrário, conduzindo ao processo de desencarnação. Talvez, o modo como se dará a desencarnação deverá ser a mais condizente com o grau de maturidade que o espírito alcançar, contudo, não haveria meios de inferir algum tipo de correlação.

Assim, sob o ponto de vista material, vida e morte são apenas dois estados da matéria, o qual não deveria haver grande interferência na condição espiritual em que o espírito se encontrar. A presença ou ausência da matéria do corpo físico estabelece apenas uma referência bem definida do estágio em que o espírito se encontra, o que lhe cabe fazer, suas atribuições e o que é esperado dele.

Como é natural, diante de novo estágio que se inicia, ou que está prestes à iniciar, haverá certa inquietação em face do que não se conhece, apesar de não ser completamente desconhecido por se tratar de ciclos repetitivos para um espírito ligado à um mundo de expiações e provas.

O próprio fato de não ser totalmente desconhecido é que antecipa o receio da morte, ou a condição no pós-morte, pois espíritos renitentes em comportamentos inadequados experienciam condições desagradáveis no porvir.

As profundas ponderações necessárias ao espírita, conforme mencionado no início do texto, devem ter por objetivo quebrar o ciclo de comportamentos inadequados e consequências desagradáveis, para estabelecer um ciclo distinto, relacionado com comportamentos adequados e consequências agradáveis. Assim, o receio da morte desaparecerá por completo.

Notas bibliográficas:

Allan Kardec; O Livro dos Espíritos; comentário à questão 149.

Claudio C. Conti; Matéria Viva; Jornal Correio Espírita; Maio de 2015.

\_\_\_; Estados da Matéria; Jornal Correio Espírita; Julho de 2015.

\_\_\_; Alma ou Espírito?; Jornal Correio Espírita; Dezembro de 2016.

Março de 2017

## **A Individualidade**

O termo “espiritualismo”, muitas vezes, é confundido com a crença na existência de espíritos, contudo, não é bem assim. Espiritualismo é o oposto do materialismo, existência unicamente da matéria, e termo que define a crença na existência de algo além da matéria.

Como é possível de observar, o termo é muito abrangente, pois, ateus podem ser espiritualistas, por exemplo, basta que, mesmo não acreditando em Deus, aceitam a premissa de que algo sobrevive ao corpo, mesmo que este “algo” não seja espíritos como uma individualidade.

Desta forma, surgiu a necessidade de Kardec elaborar uma terminologia nova para designar a doutrina que se elaborava e se preparava para vir à público, cunhando o termo “Espiritismo” e seus adeptos seriam os “espíritas”[1].

O termo “Espiritismo” tem por princípio fundamental “as relações do mundo material com os espíritos ou seres do mundo invisível”[1], estabelecendo o conceito da individualidade do espírito, por manter sua capacidade de se relacionar uns com os outros. Um ponto interessante é que a crença em Deus não seria um

dos fundamentos nesta definição e, tampouco, para os espiritualistas. Apesar da existência de Deus ser um dos princípios básicos do Espiritismo.

É interessante observar a preocupação de Kardec e, obviamente, dos espíritos responsáveis pela Codificação Espírita em não excluir as diversas vertentes de pensamento da "família espírita", havendo, desta forma, a possibilidade de um ateu ser, também, espírita, se assim o desejar. Contudo, essa postura de inclusão espírita vai, ainda, mais longe:

1. Ao dizer que as características do que seja considerado o "verdadeiro espírita" estão relacionadas com a transformação e a dedicação em se melhorar moralmente [2];
2. Ao dizer que apenas fora da caridade é que não haveria salvação [3] passa a incluir todos, espiritualistas e materialistas que trabalham em benefício do próximo;
3. Afirmar que o verdadeiro espírita e o verdadeiro cristão são a mesma coisa independentemente de seita, inclui os que não aceitam Jesus como modelo e guia da humanidade [3].

Essa posição do Espiritismo é interessante e única, pois é um sistema de inclusão e estabelece um sistema hierárquico baseado no mérito pessoal e não em cargos (secular ou religioso), posição social ou crença. Observa-se que toda a atenção é voltada para o ser enquanto indivíduo, seus atos e pensamentos.

Como dito anteriormente, o termo "Espiritismo" está relacionado com o espírito enquanto indivíduo, seja encarnado ou não. Assim, a individualidade do espírito é uma questão sem controvérsias para os adeptos do Espiritismo por ser um ponto fundamental da Doutrina. Todavia, observamos na crosta terrestre seres outros além dos humanos que são perceptivelmente diferentes de um efeito puramente material, denotando certa inteligência.

Um átomo de cloro não procura intencionalmente um átomo de sódio para formar a molécula de cloreto de sódio (sal de cozinha), apenas obedecem as leis da química e, quando estes átomos entram no campo de ação das forças um do outro, ocorre a reação química. Todavia, a planta que se desenvolve busca a direção que lhe dará acesso à luz do sol, pois, sem ela, não se desenvolve. Os animais, por sua vez, apresentam movimentos intencionais para atingir objetivos.

Portanto, em todas as situações é preciso aplicar o axioma que diz que "todo efeito inteligente há de ter uma causa inteligente"[4] e distinguir entre ser uma

individualidade e se reconhecer como um indivíduo. Pois, pode-se conceber que, dependendo da sua condição, o ser não reconheça sua própria individualidade por demandar certa dose de cognição.

Outro ponto muito interessante e intrigante é a afirmativa de que “a inteligência só por meio dos órgãos materiais pode manifestar-se”[5]. Verifica-se que, ao tratarem de manifestação na matéria da Terra, a inteligência a que se referem é algo específico a sua expressão. Em contrapartida, também se referem à inteligência de forma geral quando dizem que é um “atributo essencial do Espírito”[6].

O espírito é o princípio inteligente do universo [7], sendo a individualização do princípio inteligente [8]. Contudo, a inteligência dos animais emanam do mesmo princípio inteligente do homem, são hauridos na mesma fonte [9]. Sendo um ser inteligente, há um princípio nos animais que sobrevive ao corpo [10], conservando, assim, sua individualidade [11] sem, necessariamente, estarem cientes disto.

Notas bibliográficas:

Allan Kardec; O Livro dos Espíritos; Introdução.

\_\_\_\_; O Evangelho Segundo o Espiritismo; Cap. XVII.

Idem; Cap. XV.

\_\_\_; O Livro dos Espíritos; Conclusões.

Idem; Questão 71.

Idem; Questão 24.

Idem; Questão 23.

Idem; Questão 79.

Idem; Questões 606 e 606a.

Idem; Questão 587.

Idem; Questão 598.



Abril de 2017

## Vida Eterna

O conceito de vida eterna e de eternidade ainda é um tanto quanto complexo para o entendimento em decorrência do fato de que nossa interpretação das coisas, sejam elas quais forem, é sempre baseada numa visão temporal e espacial. Todavia, a eternidade em si se perde no tempo, portanto, é necessário uma avaliação atemporal. Similarmente, o conceito de infinito se perde no próprio espaço, a tal ponto de se considerar que duas retas paralelas se encontram no infinito.

Tempo e espaço ainda se tornam mais complexos, ou mais simples, dependendo do ponto de vista, quando analisado pela Teoria da Relatividade. Tempo e espaço passaram a ser considerados de forma completamente diferente do que se costumava pensar; não são entidades fixas e constantes, mas dependem daquilo que é denominado de “observador”, isto é, depende da forma como as medições são realizadas, do que é tido como o referencial.

Quando passamos a considerar o tempo como dependente do referencial, o conceito de eternidade como "todo o sempre", também precisa ser revisto.

Considerando a conceituação espírita sobre o encarnado ser uma combinação de espírito e corpo

material, uma aparente dualidade, na análise da questão do tempo, será necessário sempre definir, primeiramente, o referencial - espírito ou corpo.

O espírito, enquanto corpo, está sujeito a ação do tempo da forma como é comumente conhecido. Tendo em vista a ocorrência da morte como ausência total de atividade consciente no corpo, não se pode falar em eternidade quando se usa como base o tempo de vida médio do ser humano. O termo “atividade consciente” foi aqui utilizado para distinguir da decomposição natural do corpo após a morte, pois esta não deixa de ser um tipo de atividade.

Contudo, quando se considera o espírito enquanto ser inteligente, Criação de Deus, o referencial sofre uma alteração profunda, sem paralelo com a Ciência Acadêmica e, portanto, uma análise temporal deixa de ser válida.

Neste mesmo contexto, outra dúvida surge naturalmente quando se analisa a existência eterna. Se não existe a morte para o espírito, também não pode existir a vida, pois vida é o oposto de morte, sem um, não há o outro. Em outras palavras, para aquele que não conhece a morte, o estado em que se encontra é único - o de existência.

A terminologia muito utilizada do espírito ser imortal causa, também, certa dificuldade de entendimento, independente da ilusão de esclarecer,

pois algo somente pode ser considerado imortal quando em oposição com o mortal. Assim, como não existe espírito mortal, também não poderá existir espírito imortal. Estas colocações são subterfúgios para tentar explicar a existência do espírito sob uma ótica temporal. Sempre se incorrerá em erros quando se tenta explicar algo utilizando as características de outra coisa.

Em suma, costuma-se tentar encontrar explicações e entendimentos relacionados com o espírito enquanto ser inteligente, Criação de Deus, utilizando os parâmetros do espírito enquanto corpo. Este procedimento dificulta que o indivíduo se reconheça como um ser que não vive, mas que existe. Esta abordagem tende a conduzir o entendimento de própria essência espiritual, que é a da própria existência e com a qual não há comparação possível.

As questões 153 e 153a de O Livro dos Espíritos<sup>1</sup> demonstram a dificuldade de se explicar algo sem a conceituação de base disponível, pois, vale lembrar que a Teoria da Relatividade somente surgiu no século XX.

Na Questão 153 temos:

153. Em que sentido se deve entender a vida eterna?

“A vida do espírito é que é eterna; a do corpo é transitória e passageira. Quando o corpo morre, a alma retoma a vida eterna.”

Esta resposta, quando analisada detalhadamente, demonstra, na primeira parte, a distinção entre os estados em que o espírito pode se encontrar, desencarnado e encarnado, apresentando duas condições de vida. A segunda parte, por sua vez, conduz à ideia de que, ao encarnar, o espírito sai, por assim, dizer, da condição de vida eterna para adentrar na condição de vida transitória, seriam, portanto, duas “formas” de vida. A vida eterna, neste prisma, pode ser interpretado como tendo a ideia de recorrência e não de continuidade infinita.

Kardec, diante desta resposta, procura estabelecer a “vida eterna” com o viés de continuidade, e não de recorrência. Neste intento, Kardec pergunta se a vida eterna não seria a dos espíritos puros, isto é, daqueles que não mais sairiam desta condição. Quando os espíritos esclarecem que isto seria, antes, a felicidade eterna, como pode ser verificado na questão transcrita a seguir:

a) Não seria mais exato chamar vida eterna à dos Espíritos puros, dos que, tendo atingido a perfeição, não estão sujeitos a sofrer mais prova alguma?

“Essa é antes a felicidade eterna. Mas isto constitui uma questão de palavras. Chamai as coisas como quiserdes, contanto que vos entendais.”

Fica, então, patente que os espíritos responsáveis pela Codificação se referem à duas formas de vida, a eterna e a do corpo, se referindo à mudança de estado do espírito, desencarnado ou encarnado. O espírito, portanto, existe independentemente do estado em que se encontra.

Assim, diante de conceito complexo como este, muitas vezes as palavras são insuficientes para transmitir aquilo que se deseja, cabendo àquele que recebe a informação o exercício mental para a sua compreensão. O importante, contudo, não são as denominações, mas o entendimento correto do conceito.

#### Notas bibliográficas:

1. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos; questões 153 e 153a.

Maio de 2017

## **Os Laços que Ligam a Alma ao Corpo**

Comumente a ligação entre o espírito, o perispírito e o corpo é referenciada como sendo formada por laços. A forma mais trivial de interpretação é aquela que se utiliza no dia a dia quando se pretende prender algo, isto é, laços físicos com barbantes e cordas ou, ainda, num aprofundamento um pouco maior, como as suturas médicas, com as quais se unem dois lados de um corte, por exemplo, para a cicatrização. Ainda sob esta mesma abordagem, na desencarnação tais laços seriam desfeitos, tal qual a retirada da sutura, na qual os pontos são cortados um a um.

Contudo, a análise pode e deve ser abordada diferentemente para melhor entendimento do processo da encarnação, da desencarnação e, mais ainda, da própria manutenção do corpo físico.

Visando maior compreensão neste tema, podemos fazer uma analogia com o “laço” que “prende” os corpos ao solo - a gravidade. Existe uma interrelação entre corpo e planeta, em que há uma atração mútua, isto é, o planeta atrai o corpo e o corpo, por sua vez, atrai o planeta. A força que cada um exerce é dependente da massa que possui - quanto maior a massa, maior a força. Desta forma, se verifica que este tipo de laço não é de uma única intensidade, tal como seria nos casos de uma corda, por exemplo.

Kardec se refere à esta ligação como um “laço fluídico” e diz que, no processo de encarnação, há uma atração por uma força irresistível, enquanto que no processo inverso, a

desencarnação, a união se desfaz logo que essa força deixa de atuar<sup>1</sup>.

Kardec apresenta a forma como os laços devem ser interpretados, isto é, como forças, assim como a força da gravidade no exemplo utilizado anteriormente.

Sob este aspecto, no processo encarnatório, a estrutura espiritual inicia como que uma espécie de projeção de forças mentais que se expressarão na matéria com a formação do perispírito e corpo físico. Assim como a gravidade, na qual os corpos se atraem mutuamente com força compatível com a massa que possui, ao mesmo tempo em que o espírito se liga ao gérmen, este também atrai o espírito a ele designado por uma força irresistível, desde o momento da concepção<sup>1</sup>.

Segundo o Modelo Padrão da Física<sup>2</sup>, a teoria que descreve as partículas e as agrupam conforme as características que apresentam, há dois grandes grupos: os férmions e os bósons. Os férmions são denominados de “partículas reais” que formam a matéria como a conhecemos, isto é, formam os átomos e, conseqüentemente os corpos materiais. Os bósons, por sua vez, são denominados de “partículas virtuais” e são responsáveis pela ação das forças; cada tipo de força apresenta um bóson específico. Dentre as partículas virtuais, são conhecidas quatro, enquanto que a quinta é, ainda, uma suposição: os grávitons.

Os grávitons seriam as partículas virtuais responsáveis pela força gravitacional. Assim, a teoria diz que dois corpos se atraem simultaneamente em decorrência de uma “troca” destas partículas. A troca deste tipo de partícula está relacionada com fatores específicos, no caso da gravidade, massa é o fator que estabelece a intensidade da força.

Outro ponto interessante com relação à força gravitacional é que sua ação se estende à grandes distâncias e é responsável pela manutenção da estrutura do universo.

Baseado na informação apresentada pela Doutrina Espírita com relação ao laço fluídico, pode-se teorizar a existência de uma partícula virtual responsável pela força de interação entre o espírito, o perispírito e o corpo físico.

Esta partícula portadora, que aqui denominaremos de “láciton”, em alusão ao laço fluídico, teria propriedades peculiares, pois, enquanto que as outras partículas são universais para os seus respectivos campos, os lácitons teriam ação individual, tal como uma impressão digital, e sua ação estaria restrita ao espírito que a gerou.

Outra peculiaridade dos lácitons é que sua ação poderia se estender à grandes distâncias, muito superiores à dos grávitons, por ser a mantenedora da comunicação constante entre o perispírito e o corpo físico nos casos de emancipação, também conhecido no meio espírita como “cordão de prata”.

No processo de desencarnação natural haveria uma diminuição gradual dos lácitons, diminuindo gradualmente de intensidade. Nesta situação a morte "sobrevém pelo esgotamento dos órgãos, em consequência da idade, o homem deixa a vida sem o perceber: é uma lâmpada que se apaga por falta de óleo"<sup>3</sup>.

O conceito dos lácitons, isto é, da interligação espírito-perispírito-corpo físico através de uma partícula portadora, fornece explicação para vários dos fenômenos espirituais, tais como os efeitos físicos, sonambulismo e o êxtase.

Notas bibliográficas:



1. Allan Kardec; A Gênese; Cap. XI, item 18.
2. Marco A. Moreira; O Modelo Padrão da Física de Partículas;  
<http://www.if.ufrgs.br/~moreira/modelopadrao.pdf>
3. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos; comentário à questão 154.

Julho de 2017

## Separação da Alma e do Corpo

No artigo publicado no Jornal Correio Espírita de maio de 2017<sup>1</sup>, falamos a respeito do laço de união entre a alma e o corpo, mais especificamente, entre o perispírito e o corpo. Neste artigo, apresentamos a ideia desta união ser estabelecida através da troca de partículas virtuais, isto é, partículas sem massa responsáveis pela ação das forças, tal como a gravidade, dentre outras. O desenvolvimento desse conceito tem origem no Modelo Padrão da Física<sup>2</sup>.

Cabe-nos, aqui, discutir sobre o processo de geração/formação dessas partículas virtuais, que denominamos de “lácitons”<sup>1</sup>, relacionando-as com o laço fluídico.

Uma resposta interessante foi apresentada a Kardec em um dos seus questionamentos relacionados com o processo de desencarnação. A pergunta consistiu em esclarecer se a desencarnação em si tem algo de doloroso; na resposta consta que não é dolorosa, mas acrescentam uma afirmativa que merece atenção, dizem os espíritos responsáveis que “a alma nenhuma parte toma nisso”<sup>3</sup>.

Em comentário à esta resposta, Kardec conclui que na situação da morte que “sobrevém pelo esgotamento dos órgãos, em consequência da idade, o homem deixa a vida sem o perceber: é uma lâmpada que se apaga por falta de óleo”<sup>3</sup>.

Juntando os dois conceitos que estão sendo considerados, podemos correlacionar o “óleo” que vai se extinguindo, na colocação de Kardec, com a geração/formação de lácitons. Assim, conforme o óleo vai queimando, em uma caldeira, por exemplo, necessita ser repostado para que a chama

continue acesa. Similarmente, conforme o corpo físico vai processando fluido, equivalente a queima do óleo, é necessária a reposição que é realizada através do próprio funcionamento do corpo, isto é, alimentação, respiração e outros processos inerentes à sua manutenção relacionados com assimilação de fluido.

Assim, ao atingir determinada condição, que pode ser a idade avançada ou algum tipo de enfermidade, o corpo vai perdendo gradativamente sua capacidade de assimilação de fluido com a consequente perda de capacidade de geração/formação de lácitons - as partículas virtuais. Como decorrência desta condição, o corpo vai, também gradativamente, enfraquecendo a sua ligação com o perispírito até que, finalmente, ocorra a desencarnação natural. A desencarnação, sendo um processo natural e lento, propicia a adequação gradual de todo o sistema para culminar na completa dissociação do corpo físico.

Contudo, ainda resta analisar as “mortes” por acidentes e os suicídios. Aqui, neste contexto, por “acidentes” serão considerados apenas os casos em que a desencarnação é provocada exclusivamente por outrem, na qual aquele que desencarna não teve qualquer participação no evento, tal como negligência ou que tenha se colocado voluntariamente em uma condição de risco.

Nos casos de acidente, no qual o corpo sofre um dano grande o suficiente para não mais manter a condição de vida, haverá interrupção abrupta na geração/formação de lácitons. Nas situações deste tipo, o espírito passará por uma etapa de perturbação, que poderá ser mais ou menos longa, dependendo do seu grau de entendimento e depuração. Nestes eventos, não houve adequação gradativa do perispírito para não mais trocar lácitons com o corpo, por isso, o espírito não se acredita

desencarnado. A cessação da condição receptiva de lácitons por parte do perispírito ocorrerá em decorrência de processos mentais do espírito na adequação à sua nova condição.

Importa ressaltar que, apesar de normalmente se considerar acidente, mesmo na conotação aqui empregada, o espírito que desencarna nunca é completamente passivo no evento, pois todos nós, de alguma forma, somos partícipes em todos os processos em que nos vemos envolvidos. O espírito está sujeito a todos os eventos, sejam quais forem, no mundo em que se encontra ligado em decorrência das suas próprias escolhas.

Nos casos de suicídio, seja direto (quando há intenção) ou indireto (quando não há intenção, mas se coloca voluntariamente em condição de risco), o processo é semelhante ao acidente com relação aos lácitons provenientes do corpo físico. Porém, pelo fato da desencarnação ser decorrente de processos mentais enfermicos, o espírito não estabelece a condição mental adequada para estabilizar os processos físicos de interação do corpo com o perispírito. Desta forma, em decorrência da mente “congelada” que o espírito mantém no evento que causou a desencarnação, o perispírito se mantém em condição receptiva na troca de lácitons. Este processo é doloroso para o espírito tanto mental quanto fisicamente.

Notas bibliográficas:

1. Claudio C. Conti; Os Laços que Ligam a Alma ao Corpo; Jornal Correio Espírita; maio de 2017.

2. Marco A. Moreira; O Modelo Padrão da Física de Partículas;  
<http://www.if.ufrgs.br/~moreira/modelopadrao.pdf>
3. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos; comentário à questão 154.

OBS.: Não houve artigo em junho de 2017

Agosto de 2017

## **Perturbação Após a Morte**

A relação entre mente e corpo físico, mais especificamente o cérebro, pode ser observada de algumas formas, o que fornece material para a compreensão da perturbação experienciada pelo espírito no evento da desencarnação, momento em que ocorre a separação entre espírito e corpo na sua totalidade, incluindo a separação entre a mente e o cérebro.

O ponto de partida para a compreensão de processos como este que trata o texto é o fato da mente ser composta por regiões distintas, apesar da interação inerente entre essas partes. Esta compartimentação da mente humana estabelece uma grande complexidade. Na mente se encontra, por exemplo, regiões denominadas de “inconscientes”, o que significa dizer que não apresentam um acesso direto pelo espírito. Todavia, não são isoladas e exercem influência sobre as decisões e o comportamento na encarnação. Como premissa básica, espíritos compatíveis com um mundo de expiações e provas podem ser considerados muito mais inconscientes do que conscientes. Isto se deve ao fato de acessarmos intencional e conscientemente uma pequena parcela da totalidade da mente, ou seja, os processos mentais conscientes e que não estão isolados da totalidade da psique.

Durante a encarnação, o comportamento do espírito sofre grande influência do meio em que vive, contudo, não podemos dizer que este comportamento reflete sua forma mais básica de ser. O meio serve para propiciar experiências necessárias para sua transformação.

Um importante ponto a salientar é que a busca daquilo que poderemos chamar de unificação das diferentes regiões da estrutura psíquica (a denominação correta é “individuação”) deve ser o objetivo do espírito para avançar no seu progresso espiritual.

O espírito Joanna de Ângelis diz que, por individuação, entende-se “...todo um processo intrapsíquico duradouro e autônomo, através do qual a psique consciente assimila os conteúdos que permaneciam inconscientes na imensa área do inconsciente pessoal e coletivo...”[1] e que “a busca da individuação constitui o grande desafio existencial...”[2].

Para o encarnado, a totalidade do ser, constituído de espírito, perispírito e corpo físico, o elo entre essas três componentes ainda é o pensamento, o qual estabelece um sistema de relações muito além do conhecido e que poderão ser benéficas ou perniciosas, dependendo do teor do processo mental envolvido e daqueles processos mais frequentes. As ligações perniciosas são as responsáveis pelo aprisionamento do espírito em processos expiatórios, que poderão variar de intensidade e duração, dependendo da gravidade e da permanência do espírito na condição mental equivocada.

Como dito no início do texto, a relação entre mente e corpo físico pode ser observada em alguns processos, dentre eles, o sono e os sonhos. Nos momentos de emancipação da alma, o espírito obra, visita locais, encontra outros espíritos, contudo, ao despertar, não tem lembrança, quando muito, uma certa lembrança se apresenta na forma de sonhos.

Podemos considerar que, para o espírito exercer qualquer atividade, seja qual for, é necessário o processamento de informação, assim, se não é processado no denominado “consciente”, o deverá ser no denominado “inconsciente”. Assim, podemos conceber que o estado da região como

“consciente” e “inconsciente” depende da situação, isto é, da ligação com o cérebro físico.

É possível, portanto, considerar que o estado de perturbação vivenciado pelo espírito por ocasião da desencarnação está relacionado com a reorganização das diversas regiões da mente na relação consciente-inconsciente.

Quanto mais elevado ou, em outras palavras, quanto mais houver assimilados os conteúdos do inconsciente, mais facilmente se processará a reorganização das regiões da mente e, com isso, menor a duração da perturbação na desencarnação e, certamente, mais suave [3].

O que significa esta perturbação é muito bem explicada por Kardec: Por ocasião da morte, tudo, a princípio, é confuso. De algum tempo precisa a alma para entrar no conhecimento de si mesma. Ela se acha como que aturdida, no estado de uma pessoa que despertou de profundo sono e procura orientar-se sobre a sua situação. A lucidez das ideias e a memória do passado lhe voltam, à medida que se apaga a influência da matéria que ela acaba de abandonar, e à medida que se dissipa a espécie de névoa que lhe obscurece os pensamentos”[4].

Notas bibliográficas:

[1] Divaldo Franco (Joanna de Ângelis); Triunfo Pessoal; Cap. 11.

[2] Idem; pg. 180.

[3] Allan Kardec; O Livro dos Espíritos; Questão 164.

[4] Idem; Comentário à questão 165.



Setembro de 2017

## Reencarnação

Entender a reencarnação em todos os seus matizes ainda é muito difícil, para não dizer impossível, no nível evolutivo em que nos encontramos. Todavia, podemos perceber que existem nuances muito além do mero processo reencarnatório consistindo em encarnação-aprendizado-desencarnação, mantendo-se este ciclo por um grande número de vezes.

Em O Livro dos Espíritos encontra-se uma gama de informação que nos conduz à reconhecer a importância da reencarnação para o espírito. Contudo, é imperioso a análise detalhada de cada uma das perguntas e respostas relativas ao tema para um entendimento mais apurado daquilo que temos condições de compreender.

Kardec pergunta, na questão 166, como pode a alma manter seu processo de depuração quando ainda não alcançou a perfeição, e obtém a seguinte resposta: “Sofrendo a prova de uma nova existência”<sup>1</sup>.

Como a existência do espírito é única, isto é, não existe solução de continuidade, então, por “existência”, deve-se entender como experiência estando ligado ao corpo. Contudo, em O Livro dos Espíritos também encontramos que o encarnado é constituído de espírito, perispírito e corpo físico<sup>2</sup>. O perispírito, também denominado de corpo perispiritual, não deixa de ser um corpo na sua expressão mais básica, com o qual o espírito labora nos momentos de emancipação ou na erraticidade. Desta forma, podemos ampliar o conceito da encarnação para muito além da humanidade do planeta Terra.

Os numerosos estágios de aprendizado do espírito ocorrem nos variados mundos, o que não é o mesmo que planetas, pois os locais onde os erráticos habitam também devem ser considerados como mundos específicos sendo, todos eles, em conformidade com o corpo com o qual o espírito se expressa.

Assim, ao desencarnar na Terra, volta a se expressar com uma determinada condição, comumente referenciado como densidade, do seu corpo perispiritual. Este processo pode e deve ser interpretado como uma reencarnação.

Toda desencarnação teria associada uma encarnação e vice-versa, em ato contínuo. Desta forma, pode-se interpretar a questão 166c (Pergunta: Parece resultar desse princípio que a alma, depois de haver deixado um corpo, toma outro, ou, então, que reencarna em novo corpo. E assim que se deve entender? Resposta: “Evidentemente”<sup>3</sup>) sob dois aspectos, ao mesmo tempo distintos e semelhantes.

Uma interpretação conforme apresentado anteriormente, na qual, ao desencarnar, o espírito toma outro corpo para sua expressão na matéria, que, neste caso, é denominado no entendimento comum de perispírito. A outra interpretação, de senso comum, na qual o espírito, ao desencarnar, passa para a erraticidade, sendo referenciado como “desencarnado” para, no futuro, vir a encarnar em outro corpo na condição da matéria tal como conhecida na Terra.

Diante do conceito da reencarnação, Kardec questiona sobre este processo em termos quantitativos, isto é, em número de encarnações, elaborando duas perguntas conforme consta em O Livro dos Espíritos, que são as questões 168 e 169, transcritas a seguir<sup>4,5</sup>:

168. É limitado o número das existências corporais, ou o Espírito reencarna perpetuamente?

“A cada nova existência, o Espírito dá um passo para diante na senda do progresso. Desde que se ache limpo de todas as impurezas, não tem mais necessidade das provas da vida corporal.”

169. É invariável o número das encarnações para todos os Espíritos?

“Não; aquele que caminha depressa, a muitas provas se forra. Todavia, as encarnações sucessivas são sempre muito numerosas, porquanto o progresso é quase infinito.”

Tem-se, então, que, na questão 168, não consta que o espírito não se encontra “encarnado”, sob qualquer aspecto, apenas diz que não necessita das provas e, certamente, de expiações<sup>4</sup>.

Analisando a questão 169, verifica-se que, apesar do número de reencarnações não ser invariável, isto é, não é o mesmo para todos os espírito, é em número tão grande que as variações podem não ser significativas. Para exemplificar, podemos dizer que, em termos práticos, dez trilhões não seria muito diferente de dez trilhões e um mil<sup>5</sup>.

Ainda, da mesmo questão 169, podemos inferir que um número de encarnações sucessivas não significa que, depois, o espírito estará “desencarnado”, mas que apenas não encarnará novamente em decorrência da perfeição que alcançou<sup>5</sup>.

Muito ainda está por ser compreendido em sua extensão real, estamos apenas arranhando a superfície deste manancial de informação e ensinamentos. O trabalho é árduo, mas que seja prazeroso em descobertas.

Notas bibliográficas:

[1] Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, questão 166.

[2] Idem, questão 93.

[3] Idem, questão 166c.

[4] Idem, questão 168.

[5] Idem, questão 169.

Outubro de 2017

## Postulados Espíritas

Na pesquisa científica ocorrem situações em que não existe informação suficiente disponível para se estabelecer uma teoria sobre os processos envolvidos em determinado evento, isto é, definir, com certo grau de certeza, as leis que descrevem o fenômeno. Nestes casos, é possível elaborar postulados decorrentes da observação, em outras palavras, são premissas básicas que descrevem o fenômeno sem, contudo, explicar como ocorre.

Um dos mais conhecidos conjuntos de postulados na Ciência Acadêmica foi elaborado para descrever um modelo para o átomo e a trajetória dos elétrons nas suas órbitas, são os postulados de Bohr. Apenas para citar um exemplo, um dos postulados deste conjunto diz que o elétron orbita circularmente ao redor do núcleo do átomo, apesar da teoria vigente à época dizer que, nas condições em que se encontra, o elétron deveria descrever uma trajetória em espiral, em decorrência da irradiação de energia, até colidir com o núcleo.

Assim, os postulados são utilizados para evitar contradições entre aquilo que se é observado com as teorias vigentes e podem ser aplicados nos diferentes setores da Ciência, inclusive na Ciência Espírita.

Em O Livro dos Espíritos, Kardec apresenta a seguinte pergunta: Em que se funda o dogma da reencarnação? [1]. Se por um lado, a conceituação para a palavra “dogma” é de ser um preceito inquestionável de uma crença religiosa; por outro lado, a Doutrina Espírita nos conduz ao questionamento, tal como colocado pelo espírito Erasto ao dizer que "Desde que

uma opinião nova venha a ser expendida, por pouco que vos pareça duvidosa, fazei-a passar pelo crisol da razão e da lógica e rejeitai desassombadamente o que a razão e o bom senso reprovarem” [2]. Importa, portanto, compatibilizar os conceitos.

A análise da pergunta de Kardec e, mais adiante, a resposta dos espíritos, fornece material para algumas reflexões, possibilitando, por assim dizer, a atualização da interpretação do termo “dogma” naquilo que estiver relacionado com a Doutrina Espírita.

Podemos perceber que o questionamento de Kardec consiste em definir uma base, um fundamento para o dogma. Desta forma, a partir do momento em que se busca uma explicação, o dogma deixa de ser interpretado pelo seu significado, por não ser considerado como sendo “inquestionável”.

Na resposta, os espíritos responsáveis corroboram com a abordagem de Kardec a partir do momento que apresentam uma explicação, uma lógica para a aceitação da reencarnação. Dizem eles: “Na justiça de Deus e na revelação, pois incessantemente repetimos: o Bom Pai deixa sempre aberta a seus filhos uma porta para o arrependimento...” [1].

Assim, temos que o princípio da reencarnação é baseado na justiça Divina que, por sua vez, também possui um fundamento, a bondade de Deus, que pode ser percebida pela possibilidade dos espíritos se redimirem das suas faltas.

Percebe-se uma sequência de conceitos que culminam em um ponto observável, isto é, do fato de ser um senso comum, apesar de não ser aplicado amplamente em todos os pontos do planeta, que os faltosos, tais como os criminosos, merecem uma segunda chance após um período de correção.

Nos casos mais simples, como infrações de trânsito, a correção pode ser através de uma multa e perda de pontos, por exemplo.

Na continuação da resposta à pergunta de Kardec, os espíritos demonstram esta ideia ao dizer: “Não te diz a razão que seria injusto privar para sempre da felicidade eterna todos aqueles de quem não dependeu o melhorarem-se? Não são filhos de Deus todos os homens? Só entre os egoístas se encontram a iniquidade, o ódio implacável e os castigos sem remissão” [1].

Apesar do que muitos pensam, a reencarnação ainda não foi comprovada cientificamente, os diversos relatos de pessoas que aparentam lembrar de eventos em outras existências corpóreas ou de talentos precoces são indícios de possibilidades além do conceito comum, dentre elas, a reencarnação.

Todas estas questões tratadas neste texto (a reencarnação, a Justiça de Deus e a Sua Bondade), colocando-as em uma terminologia mais atual, podem ser apresentadas como Postulados Basilares da Ciência Espírita, frutos da observação e passíveis de virem a ser confirmados.

A alteração de paradigma sobre a abordagem do dogma, conforme trazido pela Doutrina Espírita, apesar da terminologia utilizada na época ainda ser a mesma, mas com a interpretação de postulado, estabelece uma importante mudança no tratamento de temas muito importantes, correspondendo a gradual transformação da fé, de fanática para raciocinada.

Notas bibliográficas:

[1] Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, questão 171.

[2] \_\_\_\_; O Livro dos Médiuns, Cap. XX, item 230.

Novembro de 2017

## **Encarnação nos Diferentes Mundos**

A ideia da existência de seres extraterrestres sempre fez parte do imaginário humano, sendo tema de numerosos filmes e livros, abordando tanto a vida em outros planetas quanto uma possível invasão da Terra.

Este tema é de apelo tão forte que vê-se indícios da existência e da visita destes seres em diversas situações. Assim, muitos acreditam ver em desenhos deixados por antigas civilizações, em cavernas e construções, a representação de seres não-humanos, como se se tratasse de desenhistas, pintores e artistas de grande destreza e com material de alta qualidade disponível para a sua arte.

Similarmente, durante anos se reconheceu, por muitos, em fotos disponibilizadas pelas agências de pesquisas espaciais, aquilo que consideravam como a escultura de um rosto na superfície da lua, significando que seres extraterrestres a haviam esculpido.

Com o avanço da tecnologia, os registros fotográficos foram se tornando cada vez mais nítidos em decorrência do aumento de resolução e constatou-se, sem sombra de dúvidas, que não se tratava de uma escultura, mas de uma elevação no relevo que dava a ilusão de um rosto.

Outras situações, também interessantes, são as próprias construções antigas, tais como as pirâmides do Egito. Em decorrência da falta de conhecimento sobre a forma que foram construídas, acredita-se que tenham tido a contribuição de alienígenas. Contudo, recentemente foi divulgado na mídia que encontraram um documento datado de cerca de 4500 anos, o



mais antigo já encontrado, que descreve a forma como os grandes blocos de pedra foram transportados e montados. Vários cientistas trabalham na reprodução desta tarefa com a tecnologia disponível na época [1].

Outros exemplos são Stonehenge, na Inglaterra, com seus monumentos de pedra, e a Ilha de Páscoa com a grandes figuras, também em pedra, os "moais".

Um ponto muito interessante e instigante é que facilmente construímos e estruturamos toda uma teoria sobre extraterrestres, com riqueza de detalhes, contudo, ainda não conseguimos nos conceber como espíritos. Infelizmente não somos capazes de abrir mão da imaginação, mesmo com toda a riqueza e realidade do mundo espiritual.

Deixando a imaginação e a fantasia de lado, utilizando a informação disponibilizada pela Doutrina Espírita, se quisermos ver um extraterrestre, basta olharmos no espelho e nos reconhecermos como espíritos. Somos seres espirituais, navegantes de um Universo sem fim, muito além deste pequeno universo conhecido [2]. Isto fica muito claro no seguimento de resposta à uma pergunta de Kardec aos espíritos: “É possível que já tenhais vivido algures e na Terra” [3].

Nos considerando como os verdadeiros viajantes do espaço, cujo traslado, nos estágios mais básicos, é realizado através do processo reencarnatório, estaremos em condições de conduzirmos a própria evolução de forma consciente, senhor das próprias decisões e, conseqüentemente, capazes de avaliar as suas conseqüências. Ao atingirmos esta condição, não mais consideraremos os eventos desagradáveis comuns na vida de encarnados em um mundo da categoria do planeta Terra como acidentes ao má sorte.

O ponto principal de uma abordagem consciente dos processos envolvidos na encarnação em diferentes mundos está

na própria hierarquia destes mundos. É preciso considerar que as experiências vivenciadas pelo espírito em sua longa jornada visa, obviamente, a possibilidade de trabalho, mas, também, o aprendizado, especialmente nos níveis evolutivos mais baixos.

Considerando que a Terra está entre os mundos "mais materiais e das mais distantes da perfeição" [4], podemos, desta forma, nos considerar como espíritos compatíveis com os níveis mais baixos. Desta forma, ao sermos informados de que habitamos um mundo dos mais distantes da perfeição, não somente precisamos, mas se torna imperioso nos ocuparmos com a realidade espiritual do ser, ficando os produtos de imaginação apenas para fins de entretenimento.

Apesar do espírito não retrogradar, isto é, não perder as suas conquistas morais e intelectuais, a expressão em mundos materiais que se encontram em condições mais difíceis que a Terra é uma possibilidade que dependerá da estagnação da sua condição evolutiva. Isso fica bem claro na seguinte colocação dos espíritos responsáveis pela Codificação Espírita: “se não progredistes, podereis ir para outro mundo que não valha mais do que a Terra e que talvez até seja pior do que ela” [5].

Jesus apontou o caminho a seguir com seus ensinamentos, demonstrando nossa forma equivocada de pensar e a Doutrina Espírita complementa com uma linguagem mais atual.

Notas bibliográficas:

- [1] Revista Abril -Super Interessante, [https://super.abril.com.br/historia/encontrado-papiro-que-descreve-a-construcao-da-grande-piramide-do-egito/?utm\\_source=whatsapp](https://super.abril.com.br/historia/encontrado-papiro-que-descreve-a-construcao-da-grande-piramide-do-egito/?utm_source=whatsapp)
- [2] Claudio C. Conti; Jornal Correio Espírita; Espaço Universal; Agosto de 2014.
- [3] Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, questão 173b.
- [4] Idem; questão 172.
- [5] Idem; questão 174.

Dezembro de 2017

## **Faixa Evolutiva dos Mundos**

Para fins de aprimorar o entendimento das questões de manifestação do espírito em planos materiais, pode-se considerar dois constituintes principais que gerenciam, por assim dizer, as condições, isto é, como e quando, da sua manifestação em regiões de matéria mais densa. Assim, em uma apresentação didática, o espírito Criado seria uma estrutura em si mesmo, isto é, Deus, em seu processo Criador, cria estruturas que possuem, intrinsecamente, a capacidade de exercer funções. Dentre estas funções se encontra a formação e gerenciamento de uma estrutura psíquica, ou mente, responsável pelo armazenamento e gerenciamento da informação que estará disponível para o espírito processar e, com isso, direcionar sua existência, seja em acordo com a finalidade da Criação ou não, conforme o uso que faz de seu livre arbítrio.

Desta forma, todos os espíritos são iguais enquanto estrutura, porém diferem enquanto conteúdos da mente e a forma como são processados. O processo evolutivo consistindo de aprimoramento do espírito seria, portanto, a aquisição de informação pertinente com a finalidade da Criação combinado com o justo processamento.

A este respeito, importa ressaltar as palavras de Paulo [1]: “Quem é, com efeito, o culpado? É aquele que, por um desvio, por um falso movimento da alma, se afasta do objetivo da criação...”. Desta forma, pode-se estabelecer uma forte correlação entre todos os habitantes do planeta no sentido de haver cometido um “falso movimento” que conduziu todos

para o mesmo local, isto é, a Terra. As faltas cometidas por todos podem não ser iguais, mas certamente, são equivalentes, sendo todos “culpados” na mesma extensão.

Observando os habitantes do planeta é facilmente percebido a grande diversidade no comportamento, nas suas crenças e valores, sendo possível, até certo ponto, creditar à diferenças no nível evolutivo. Todavia, variados são os fatores que influenciam tanto no comportamento quanto nas crenças e nos valores de um determinado espírito, pois, todos na condição de expiações e provas são muito influenciáveis pelo meio, principalmente na infância, inviabilizando, desta forma, avaliações precisas sobre o nível evolutivo de um indivíduo ou de um grupo, seja este pequeno ou grande.

Em teoria, portanto, pode-se estabelecer uma faixa de nível evolutivo que seja compatível com uma determinada morada ou mundo.

Considerando que o espírito enquanto estrutura e a condição mental que tenha alcançado não degeneram, por ser o primeiro uma Criação de Deus e o segundo decorrente do esforço e aprendizado próprios. Contudo, sua expressão no mundo material, no sentido de oportunidade de aprendizado, será sempre compatível com esta aquisição. Desta forma, quando em um mundo que não mais fornece material para o aprendizado, seja porque o mundo se elevou ou o próprio espírito que ultrapassou as oportunidades disponíveis, este irá para locais que propiciam as oportunidades que necessita.

Pode-se, portanto, compreender a seguinte questão colocada por Kardec e a resposta fornecida pelos espíritos responsáveis pela Codificação [2]: Mas, não pode dar-se também por expiação? Não pode Deus degradar para mundos inferiores Espíritos rebeldes? - “Os Espíritos podem conservar-se estacionários, mas não retrogradam. Em caso de

estacionamento, a punição deles consiste em não avançarem, em recomeçarem, no meio conveniente à sua natureza, as existências mal empregadas.”

A partida do espírito de um mundo para outro é decorrente das necessidades inerentes às suas escolhas, em como usa o livre arbítrio. Isso fica bem claro na seguinte colocação dos espíritos responsáveis pela Codificação e apresentado a seguir [3]: Tornar a viver na Terra constitui uma necessidade? - “Não; mas, se não progredistes, podereis ir para outro mundo que não valha mais do que a Terra e que talvez até seja pior do que ela.”

Em uma análise superficial da possibilidade encarnar em mundos ainda inferiores à Terra, tem-se a impressão arbitrariedade, severidade e tragédia. Contudo, a grande maioria dos espíritos encarnados no planeta utiliza os momentos de liberdade do corpo, decorrentes do sono natural, para ir a locais bem mais rudimentares em termos morais. Esta assertiva é muito clara na seguinte colocação apresentada em O Livro dos Espíritos [4]: “... esses vão, enquanto dormem, ou a mundos inferiores à Terra, onde os chamam velhas afeições, ou em busca de gozos quiçá mais baixos do que os em que aqui tanto se deleitam. Vão beber doutrinas ainda mais vis, mais ignóbeis, mais funestas do que as que professam entre vós”.

As condições de expiações e provas, por exemplo, estão relacionadas com uma determinada faixa e, pelo que pode ser visto, não é uma faixa muito ampla. Um espírito, sem retrogradar e, portanto, sem ir para mundos inferiores ao que se encontra, poderá, contudo, ir para mundos condizentes com a mesma faixa, cujo limite superior estaria compatível com o limite inferior da faixa do local onde se encontra, traduzindo em existências mais difíceis e mais árduas.

Notas bibliográficas:

[1] Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, questão 1009.

[2] Idem; questão 178a.

[3] Idem; questão 174

[4] Idem; questão 402.

Janeiro de 2018

## O Espírito - Esse Viajante

Tanto o espírito quanto o seu processo evolutivo são temas que, apesar de todo o esforço realizado para o entendimento, permanecem obscuros, sendo que, em muitos pontos nada se sabe e tantos outros são completamente desconhecidos. Contudo, nos cabe prosseguir no estudo visando o esclarecimento e o aprofundamento em questões de tamanha importância.

Kardec, o pioneiro em desbravar temas relacionados com espíritos, dialogando e questionando os próprios seres extracorpóreos, apresenta a seguinte pergunta: “Desde o início de sua formação, goza o espírito da plenitude de suas faculdades?”[1].

Este questionamento é fascinante e interessante porque Kardec põe em evidência a possibilidade de Deus criar algo que não esteja completo ou finalizado.

Para esta pergunta, os trabalhadores desencarnados da Codificação respondem: “Não, pois que para o espírito, como para o homem, também há infância. Em sua origem, a vida do espírito é apenas instintiva. Ele mal tem consciência de si mesmo e de seus atos. A inteligência só pouco a pouco se desenvolve”[1].

Esta resposta, de certa forma surpreendente, confirma a suspeita de Kardec de que Deus não cria espíritos já prontos. Em hipótese alguma isto implica em uma incapacidade de Deus, mas, antes, em uma opção.

Assim, pode-se conceber a Criação sob um prisma completamente diferente do que se pensava e, de certa forma,



do que foi apresentado no livro Gênesis do Velho Testamento [2]. Portanto, ao invés de uma obra acabada decorrente de comandos, concebe-se a Criação como um processo em que não necessariamente haverá um final. Tanto o espírito quanto a Criação são processos, sendo que o primeiro é partícipe atuante no segundo por ser detentor de opções - o livre arbítrio.

O espírito, ao ser formado, em decorrência da sua origem, possui todas as possibilidades. Porém, estas necessitam ser “ativadas” tanto pelo conhecimento quanto da aplicação deste, ou seja, das componentes intelectual e moral.

É interessante notar que o espírito se encontra, na formação, em um estado que “mal tem consciência de si mesmo e de seus atos”[1]. Isto leva a crer que, neste estágio, o espírito é tratado, por assim dizer, tal qual crianças no berçário, necessitando de cuidados dos mais variados, inclusive estímulo aos sentidos (não físicos) para dar ensejo ao reconhecimento do seu entorno e de si mesmo.

Verificamos, então, uma longa jornada, desde o estado em que mal tem consciência de si mesmo até o nível em que nos encontramos, isto é, em condições de aprendizado através de processos expiatórios devido às faltas cometidas. Assim, espíritos compatíveis com um mundo de expiações e provas não podem se considerar como na infância espiritual, pois já alcançaram um grau de desenvolvimento considerável, e, por isso, capaz de compreender e se adequar através da dor.

A longa caminhada do espírito compatível com a Terra no seu estado atual fica patente nas palavras de Paulo, ao dizer: “Quem é, com efeito, o culpado? É aquele que, por um desvio, por um falso movimento da alma, se afasta do objetivo da criação...” [3] e “Que é o castigo? A consequência natural, derivada desse falso movimento; uma certa soma de dores

necessária a desgostá-lo da sua deformidade, pela experimentação do sofrimento...” [3].

A jornada dos espíritos ligados à Terra é longa, repleta de experiências das mais diversas, que o conduziram desde o estágio de quase inconsciência de si e de seus atos, passando pelo, que deve ser, longo período de aprendizado como descobertas, portanto, profícuo e prazeroso, até que, “por um falso movimento da alma”[3], perderam o foco mental da própria existência como parte de uma totalidade muito maior que o indivíduo em si, tornando a finalidade da Criação como algo abstrato e desconhecido, sem significado emocional ou motivacional.

Na condição compatível com um mundo de expiações e provas, o espírito perde a consciência de si mesmo, previamente alcançada com grande esforço, estabelecendo a necessidade de percorrer caminho mais árduo ainda na sua reconquista, sendo um estágio doloroso e sofrido.

O espírito é um viajante e, em sua caminhada, comete acertos e equívocos, o que é natural na busca da maturidade. Contudo, o que não pode ser considerado como natural é o erro sistemático, intencional e egoísta.

Necessitamos conceber a finalidade da Criação, por mais abstrata que esta concepção possa ser, e vislumbrá-la como algo mais abrangente que a individualidade, algo tão grande que contém a verdadeira felicidade.

Notas bibliográficas:

[1] Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, questão 189.

[2] 1. Bíblia de Jerusalém; Gênesis.

[3] Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, Parte 4, Cap. II.

Fevereiro de 2018

## **Sorte das Crianças Após a Morte**

Em um mundo de expiações e provas, o espírito se vê a braços com inúmeras experiências, consistindo uma considerável parcela de situações aflitivas as quais, na grande maioria das vezes, não consegue lidar adequadamente, surgindo, desta forma, o sofrimento.

Pode-se considerar que o sofrimento é decorrente da limitação de entendimento do espírito relativo à sua condição de encarnado e às questões materiais envolvidas. Portanto, o sofrimento está atrelado aos mundos nos estágios iniciais de desenvolvimento. Somado a isto, ainda existe uma intensa falta de aceitação dos eventos relacionados com a encarnação.

Dentre os eventos que acarretam sofrimento, pode-se citar o fenômeno da desencarnação em crianças.

O hábito de considerar as crianças como “inocentes”, que nunca fizeram o mal, mesmo que seja por não terem atingido a idade adulta ou falta de condição física, é um dos fatores para o sofrimento. Contudo, não se pode estabelecer uma relação entre infância e evolução do espírito [1].

Outro fator é o apego. Joanna de Ângelis diz que “o apego à forma transitória, que se decompõe, produz a perturbação emocional, dando ideia de que tudo se consumiu, nada mais restando como finalidade da existência humana” [2].

Em decorrência destas dificuldades e conflitos, a tendência é buscar alguém para culpar. Como desde os tempos remotos, a divindade é considerada como tendo características humanas, observa-se que, diante de perguntas muito comuns de se ouvir nos momentos de aflição, tais como: “Oh, Deus, por

que eu?” e “Por que isto aconteceu comigo?” o culpado passa a ser o deus mau e vingativo.

Se Deus fosse realmente mesquinho e vingador, o mundo estaria em estado caótico. Deus agindo com vingança ou sem motivo sobre cada um, mudando as regras de forma insana, conduziria-o ao caos eterno.

A base para a avaliação acertada sobre os acontecimentos da vida de encarnado são as características atribuídas à Divindade, mesmo com todas as limitações de entendimento na qual a humanidade terrena se encontra. Para os espírita, em particular, tal base se encontra na Codificação.

Kardec explica e enumera as qualidades de Deus: inteligência suprema e soberana, único, eterno, imutável, imaterial, onipotente e, o que é de extrema importância para a compreensão da vida, infinitamente justo e bom [3]. A interiorização, no ser, da justiça e da bondade infinita do Criador é de capital importância para que se possa olhar para este mundo sem que, na melhor das hipóteses, se choque e, também, aceitar os fatos que não se pode mudar.

O processo reencarnatório é decorrente da justiça de Deus [4] que viabiliza condições adequadas para o desenvolvimento do espírito em qualquer situação em que se encontre. Kardec diz que a justiça de Deus concede, aos espíritos, “realizar, em novas existências, o que não puderam fazer ou concluir numa primeira prova”.

Desta forma, o espírito que desencarna na infância, mesmo os natimortos, ou na fase adulta, mesmo na total decrepitude, o destino é a possibilidade de continuar com o seu processo evolutivo durante o período na erraticidade e, depois, em uma nova encarnação.

Joanna de Ângelis informa que “não há prazo, nem determinismo absoluto de tempo, dependendo de inumeráveis

razões para que o ciclo que começou se encerre... Assim, a morte é inevitável e o sofrimento que ela gera resulta somente de má interpretação dos objetivos da vida” [2].

Não há como negar que a partida para o plano espiritual do espírito seja doloroso para os pais e a família em geral. Contudo, apesar da saudade, o consolo que se deve buscar é através da gratidão, primeiramente por ter tido a oportunidade de conviver com aquele espírito em particular, mesmo que tenha sido por período tão curto quanto o da gestação, e, segundo, por ter sido instrumento para a caminhada evolutiva daquele ser que aprendeu a amar.

Mas,, se e quando, por ventura, surgir a situação em que uma pessoa amada não esteja mais presente, seja qual for a idade, criança ou adulto, e que apesar de todo o conhecimento que esclarece de forma a não sentir revolta, o sofrimento ainda estiver ardendo no coração, deve-se lembrar de Jesus que, há mais de dois mil anos disse: “Vinde a mim, todos vós que estais aflitos e sobrecarregados, que eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei comigo que sou brando e humilde de coração e achareis repouso para vossas almas, pois é suave o meu jugo e leve o meu fardo” [5].

Notas bibliográficas:

1. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, questão 197.
2. Divaldo Franco (Joanna de Ângelis); Plenitude, Cap. 12.
3. Allan Kardec; A Gênese, Cap. 2,
4. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, questão 171.
5. Allan Kardec; O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. VI.

Março de 2018

## **Sexo dos Espíritos**

Sexo e sexualidade ainda são temas carregados de certo tabu, talvez seja uma “herança” da ideia do pecado original. Com isso, surgem dificuldades de compreensão em decorrência de uma unilateralidade de visão. A consequência desta situação e a grande consternação gerada ao se expor a questão do sexo dos espíritos e possíveis práticas sexuais entre desencarnados, pois, há uma negação incisiva por parte da maioria sem, ao menos, considerar a possibilidade.

É interessante observar que a postura de negação diante do tema em análise é manifestada lado-a-lado com o conceito de que a morte física, momento em que o espírito se liberta do corpo físico, não o torna nem melhor nem pior do que era enquanto na condição de encarnado, não “santifica” o espírito, que mantém seus interesses e, dentro das possibilidades, seus hábitos.

Para a grande maioria dos espíritos ligados ao planeta Terra, não há grandes mudanças de comportamento e interesses antes e depois da desencarnação. Assim, da mesma forma que busca manter hábitos, sejam benéficos ou não, o interesse sexual e a conformação perispiritual se mantém.

A providência não estipula mudanças drásticas, permitindo que o processo evolutivo seja gradual, possibilitando ao espírito a adaptação, também gradual, para as transformações e mudanças inerentes à aquisição de conhecimento e elevação moral.

A prática sexual sadia entre seres que se amam faz parte da Providência, afinal, a espécie humana precisa sobreviver e,

por isso, não deve ser vista como algo inadequado. Extrapolando este conceito, a relação sexual sadia não pode ser inadequada para qualquer condição de existência, seja encarnado ou desencarnado, por ser esta uma das formas de expressão do amor entre casais. Se o amor não termina quando um casal desencarna, será que haveria algum motivo pelo qual a forma de interação habitual não possa continuar, se não igual, ao menos semelhante?

Independentemente de qualquer consternação ou debate que possa existir, a Codificação Kardequiana deve ser a referência para o estudo destacado de qualquer tipo de ideia pré-concebida. Assim, analisando o Livro dos Espíritos temos [1]:

Têm sexos os Espíritos?

“Não como o entendeis, pois que os sexos dependem da organização. Há entre eles amor e simpatia, mas baseados na concordância dos sentimentos.”

Esta colocação dos responsáveis pela Codificação é muito interessante e deve ser analisada com cuidado, pois, percebe-se que não se trata de uma afirmação categórica de que os espíritos não tenham sexo, apenas não como comumente é entendido.

O sexo é comumente entendido como uma conformação orgânica que gerencia tendências e comportamentos. Todavia, não é bem assim que ocorre, haja vista a revolução, por assim dizer, nos dias atuais, sobre uma gama muito variada de orientações sexuais. O contato com tamanha diversidade gera um grande desconforto para aquele que mantém a mentalidade fixa de que o sexo vivenciado pelo espírito esteja relacionado unicamente com a estrutura orgânica e, com isso, as mais

diversas teorias são elaboradas. O espírita consciente deve abordar este assunto com muita cautela para não atribuir interpretações pessoais à Doutrina. Devemos sempre lembrar que quanto melhor o entendimento de determinada questão, melhor será a orientação sob a visão espírita.

Mesmo sob uma abordagem de constituição física, é preciso considerar que, ao desencarnar, o espírito mantém o seu perispírito, portanto, permanece com uma organização física na forma de homem ou de mulher, assim, também não podemos afirmar que, na condição de desencarnados, o espírito não mantenha sua conformação física relacionada com o sexo e, portanto, que não haveria atividade sexual.

Além disso, devemos considerar que Deus cria alguma coisa [2], portanto, é preciso diferenciar entre o espírito propriamente, uma estrutura Criada por Deus e a forma como se expressa no mundo material [3].

Entramos, desta forma, em uma questão delicada, pois, por um lado tem-se o espírito em si, cujo sexo não é como entendemos e, por outro lado, a forma como se expressa no mundo material, cujo sexo está relacionado com a constituição física. Percebe-se que não são conceitos muito bem definidos, talvez por que ainda não tenhamos meios de compreensão, contudo, não é um tema trivial ou “preto no branco”, mas toda uma escala de cinzas.

Independentemente de qualquer coisa, seja com ou sem relações sexuais, o que deve unir os espíritos é o amor e a simpatia, baseados na concordância dos sentimentos. Quando chegarmos neste estágio, estaremos em condições de entender adequadamente a questão do sexo dos espíritos.

Dois pontos, contudo, necessitam ser salientados. O primeiro é que todo tipo de excesso deve ser evitado, inclusive o sexual e, o segundo, é que este texto está relacionado com



espíritos em nível evolutivo compatível com o planeta Terra, seja como encarnado ou não.

Notas bibliográficas:

1. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, questão 200.
2. Idem; questão 23a.
3. Claudio C. Conti; Espírito, Jornal Correio Espírita, Abril de 2014.

Abril de 2018

## **Família**

A base para qualquer estudo espírita é a Lei conforme apresentada por Jesus: Amar ao próximo como a si mesmo. Ao se tratar de família e parentela, esta Lei se torna muito mais importante para o entendimento. Importa ressaltar que Jesus salientou que a “amar ao próximo”, como segundo mandamento, é semelhante ao “amar a Deus sobre todas as coisas”, o primeiro mandamento [1].

Esta semelhança, ou equivalência, dos mandamentos deve ser interpretada como um sistema de relação no qual não é possível amar ao Pai sem amar os seus filhos, pois estes não deixam de ser uma expressão do Seu amor. Em contrapartida, também não é possível amar os filhos sem amar o Pai, mesmo que não se acredite na existência de Deus.

Em outras palavras, o amor a Deus, na nossa condição evolutiva, está diretamente relacionado com o comportamento perante os semelhantes.

A humanidade se divide em dois grandes grupos: Materialistas e Espiritualistas.

Para os materialistas tudo termina com a morte, enquanto que, os espiritualistas crêem na sobrevivência de algo.

O grupo dos espiritualistas pode ser dividido em dois subgrupos: 1) Aquele para o qual a alma é criada juntamente com o corpo, podendo haver a ressuscitação ou não e; 2) Aquele para o qual a alma pré-existe e sobrevive ao corpo, podendo haver reencarnação ou transferência da consciência.

Algumas questões necessitam de esclarecimentos: 1) Ateus não são, necessariamente, materialistas; 2) Ateus e

materialistas podem amar o próximo e; 3) Teístas não necessariamente amam o próximo e, nestes casos, também não amam a Deus, mesmo que acreditem o contrário.

Desta forma, o ponto principal é a necessidade de amar ao próximo.

O encarnado é formado, por assim dizer, de duas componentes: uma espiritual e outra material. A componente espiritual, o espírito propriamente dito, é de origem Divina, uma Criação de Deus [2]. A componente material, o corpo, é decorrente de processos biológicos iniciados com a interação dos componentes materiais de duas células: um espermatozóide e um óvulo [3]. O corpo, portanto, é decorrente das leis físicas e químicas do planeta, obedecendo, neste caso, os processos relacionados com a genética.

Desta forma, é preciso considerar que, além de Deus ser único, a Criação de cada espírito ocorre uma única vez, contudo, cada encarnação conta com um corpo diferente, em locais e condições diversas. Deve-se, portanto, considerar que o parentesco material nas várias encarnações é variado.

Ao longo das encarnações, o espírito troca experiências com diversos outros espíritos e, neste processo, amizades vão se formando, umas mais fortes e outras mais superficiais em decorrência da ocasião e interesses comuns. Dentre as amizades mais fortes, há aquelas que são especiais e profundas e, nestes casos, se formam as “famílias espirituais”, nas quais a união é mantida pelo afeto.

Assim, a família corporal compartilha características materiais, enquanto que a família espiritual compartilha o amor. Importa ressaltar que a família corporal pode ser constituída, mesmo que parcialmente, de integrantes da família espiritual.

Em uma colocação sobre o tema, Kardec diz que "não são os da consanguinidade os verdadeiros laços de família e

sim os da simpatia e da comunhão de ideias, os quais prendem os Espíritos antes, durante e depois de suas encarnações”[4].

Diante do que foi apresentado, a pergunta que fica é: Como considerar a família material?

Fénelon, um dos espíritos responsáveis pela Codificação Kardequiana, em um dos seus esclarecimentos, apresenta uma interpretação importante para o entendimento do tema: “Disse Jesus: "Amai o vosso próximo como a vós mesmos." Ora, qual o limite com relação ao próximo? Será a família, a seita, a nação? Não; é a Humanidade inteira” [5].

Tendo a humanidade inteira, o que inclui encarnados e desencarnados, deste e de outros orbes, como o nosso próximo e, por isso, amá-los, é preciso uma forma de exercitar o amor.

Espíritos compatíveis com a condição de expiações e provas tem, como característica principal, o vício mais radical, que é o egoísmo [6]. Por isso, o conceito de um amor amplo e irrestrito, abrangendo tanto os conhecidos quanto os desconhecidos, ainda é impossível, apesar de nossa origem estar relacionada com este tipo de amor.

O homem comum somente pode elaborar pensamentos comportamentais correlacionando com o que lhe é conhecido. Neste aspecto, é preciso de referência, no caso, o corpo material, para, através da convivência, aprendermos a amar outros seres e reconhecer, neles, que todos tem dificuldades e que necessitam de auxílio e respeito.

Assim, podemos estabelecer que a resposta para a pergunta "Como considerar a parentela material?" deve ser: A família material deve ser considerada como a ferramenta para o desenvolvimento do amor incondicional, que deverá abranger a humanidade inteira”.

Notas bibliográficas:

1. Allan Kardec; O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. XI.
2. \_\_\_; O Livro dos Espíritos, questão 77.
3. Idem; questão 203.
4. \_\_\_; O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. XIV.
5. Idem; Cap. XI.
6. \_\_\_; O Livro dos Espíritos, questão 913.

Junho de 2018

## **Hereditariedade**

Como apresentado anteriormente neste jornal [1], o encarnado é constituído de duas componentes: uma espiritual e outra material; sendo a componente espiritual o próprio espírito e a material decorrente de processos biológicos, incluindo todos os processos físicos e químicos para o funcionamento da máquina orgânica. Sendo assim, o corpo é decorrente das leis físicas e químicas do planeta, obedecendo, neste caso, os processos relacionados com a genética.

Considerando as características do Criador, sendo infinitamente justo e bom, devemos considerar que a hereditariedade seja peça fundamental para a evolução do espírito através do processo reencarnatório. Portanto, o espírito encarnado deve se dedicar em compreender o porquê das suas características físicas e, também, o seu papel no seio familiar que faz parte.

Dois fatores principais devem ser considerados quando da análise da questão da hereditariedade no processo reencarnatório.

O primeiro, de fundamental importância, é a necessidade de se estruturar, na reencarnação, um corpo com as características necessárias para que o espírito possa cumprir sua jornada de aprendizado de forma efetiva, dispondo do ferramental necessário. Assim, será preciso buscar a componente genética adequada para os compromissos assumidos, sejam eles de larga atuação na sociedade ou recluso em decorrência de enfermidades ou necessidades especiais. Devemos ter em mente que cada um apresenta necessidades específicas e nenhuma situação deve ser considerada como

degradante ou limitante para a evolução, pois estará relacionada com aquilo que cabe ao espírito vivenciar.

O segundo fator é que os espíritos se agrupam por afinidade. As leis da genética no planeta Terra sempre se fazem presentes, não sendo possível a sua derrogação, desta forma, em todos os processos encarnatórios, desde a concepção até o nascimento, serão desenvolvidas as condições orgânicas da experiência carnal segundo aquilo que foi determinado para este planeta. Com isso, concebe-se que o espírito reencarnante “buscará” o material genético que necessita no seio de espíritos que, de algum forma, lhe são afins, compartilhando o material genético e, com isso, muitas semelhanças físicas e estruturais. A afinidade neste caso se aplica tanto nas formas de pensar e agir quanto da componente genética necessária.

Ainda sob o mesmo princípio de que os espíritos se agrupam pela afinidade, isto é, necessidades de aprendizado comuns, podemos considerar que todos os habitantes do planeta aqui se reuniram em decorrência desta mesma afinidade. Por consequência tem-se uma lei da genética adequadamente elaborada, fornecendo uma variedade suficiente para uma gama de condições, dando ensejo para que uma enorme quantidade de espíritos encontrem, aqui, a morada, enquanto forma de vida orgânica, que precisam para sua caminhada.

Sobre este ponto, o espírito Emmanuel relata o papel fundamental desempenhado por Jesus na elaboração da leis que regeriam a vida orgânica na Terra [2]. Assim, pode-se concluir que a genética não é a mesma para os diferentes mundos, sendo desenvolvida especificamente para cada orbe antes do início da expressão espiritual na vida orgânica. Com a diversidade de condições de habitabilidade nos diferentes planetas já conhecidos, tal como os planetas deste sistema solar, é

compreensível que os corpos de expressão deverão ser, necessariamente, propícios ao meio.

Em um mundo de expiações e provas, as enfermidades existem e fazem parte da vida cotidiana do espírito encarnado. As enfermidades estão relacionadas com a própria genética, predispondo uns à suscetibilidade de determinadas doenças, enquanto outros são suscetíveis a doenças outras. Todos, sem exceção, devem dedicar tempo suficiente para a manutenção da saúde física, sendo esta uma das principais ocupações do espírito encarando na Terra.

Como todos estão sujeitos à enfermidades em geral, não se pode, nem se deve, atribuir certas doenças à determinados comportamentos de outras encarnações, pois não se sabe exatamente a correlação entre uma coisa e outra. Além disso, também se deve considerar que todos no planeta são espíritos equivocados e em fase de regeneração de faltas cometidas, por isso, como dito anteriormente, todos estão sujeitos à enfermidades.

Mais do que comportamentos de outras existências na matéria, são os hábitos para a manutenção da saúde física e mental na encarnação atual que darão ensejo para que o organismo físico apresente maior resistência às enfermidades. Na busca da saúde física, quando o espírito adota hábitos saudáveis, naturalmente há uma adequação mental e, a busca da saúde mental, forçosamente conduz à hábitos saudáveis.

A encarnação, com as leis atuantes da genética, não é um jogo roleta, na qual a sorte e o azar conduzem à próxima jogada. É tal qual um jogo de xadrez, onde cada jogada deve ser avaliada cuidadosamente, seguindo uma linha de raciocínio lógica e precisa para que possa chegar, ao final da jornada se sentindo triunfante, mesmo com erros e acertos, porém, cada



um foi considerado, servindo de aprendizado para os passos seguintes.

Acertos ou erros são de menor importância, o aprendizado é que traz significado à vida.

Notas bibliográficas:

1. Claudio C. Conti; Família, Jornal Correio Espírita, edição de abril de 2018.
2. Francisco C. Xavier (Emmanuel); A Caminho da Luz, Editora FEB, Cap. 1 e 2.

Julho de 2018

## **Limitações ao Acervo do Espírito**

Por “acervo do espírito” devemos entender as suas conquistas morais e intelectuais ao longo da sua caminhada evolutiva. Ambos os “tipos” de conquistas estão intimamente ligados, pois, o avanço moral é decorrente do avanço intelectual, no sentido de que o segundo fornece material para o primeiro viabilizando o entendimento de questões necessárias ao espírito, tal como o próprio significado da sua existência [1].

Em termos de duração de existência, não temos informação disponível e nem os meios para considerar algum tipo de idade para os espíritos que compartilham o espaço que é denominado de Terra, pois, o tempo, tal como o conhecemos e conduzimos todas as considerações numa sequência de eventos, não pode ser aplicado ao espírito. O tempo, assim como o espaço e a matéria, está relacionado com o universo conhecido, neste em que se movimentam os planetas e estrelas que vislumbramos quando olhamos para o céu.

Como tanto Deus quanto os espíritos não estão sob a influência do tempo, elaborar uma avaliação temporal seria um grande equívoco. Contudo, pode-se avaliar a caminhada do espírito, não em termos do tempo, mas da condição moral que tenha alcançado.

O nível moral de um espírito não necessariamente está relacionado com a quantidade de experiências que tenha vivenciado, mas com o quanto foi utilizado para a sua evolução. Em outras palavras, a caminhada evolutiva não está relacionada com o tempo, mas com o aproveitamento daquilo que vivencia, possibilitando o discernimento entre o bem e o

mal. Quanto a isso, os espíritos responsáveis pela Codificação Kardequiana dizem que o progresso intelectual propicia o progresso moral por fazer “compreensíveis o bem e o mal”, complementam que “o homem, desde então, pode escolher” e que “o desenvolvimento do livre-arbítrio acompanha o da inteligência e aumenta a responsabilidade dos atos”[2].

Há, nesta colocação, um alerta muito importante com relação a responsabilidade dos atos e a ampliação do livre-arbítrio, em decorrência da inteligência mais desenvolvida.

Dentre os diferentes tipos de mundos (primitivo, expiações e provas, regeneração, ditoso e celeste), “a Terra pertence à categoria dos mundos de expiações e provas, razão por que aí vive o homem a braços com tantas misérias”[3].

Assim, é em um mundo de expiações e provas o local onde as consequências dos atos se fazem mais prementes e mais facilmente observáveis, visando a transformação do espírito que se mantém em fuga constante de suas responsabilidades. A expiação está atrelada ao entendimento, contudo, para muitos, é um processo demorado.

Nesta categoria de mundo, de expiações e provas, o mal predomina nos espíritos [3] e, conseqüentemente, há necessidade de cerceamento do livre-arbítrio, mesmo que seja para evitar maior comprometimento com as Leis Divinas.

Neste contexto, no qual o espírito já alcançou um significativo acervo intelectual e que não faz o uso adequado para o aprimoramento moral, há necessidade de restrições ao livre-arbítrio, o que pode ser realizado pelo cerceamento do próprio acervo intelectual, limitando suas ações.

A manifestação do espírito no mundo ocorre através da encarnação em corpos materiais, portanto, este último poderá servir como um limitador. A limitação será mais ou menos intensa em decorrência das necessidades de aprendizado do

espírito. Como o aprendizado está relacionado com as experiências que vivenciará, o corpo físico, através dos órgãos, deverá ser adequado para a finalidade.

Nesta situação, entra em ação a hereditariedade. Consideramos ser de fundamental importância a estruturação, na reencarnação, de um corpo com as características necessárias para que o espírito possa cumprir sua jornada de aprendizado de forma efetiva, dispondo do ferramental necessário. Assim, será preciso buscar a componente genética adequada para os compromissos assumidos, sejam eles de larga atuação na sociedade ou recluso em decorrência de enfermidades ou necessidades especiais [4].

A estruturação do ferramental que o espírito utilizará durante a encarnação deverá estar em conformidade com as suas necessidades de aprendizado, limitando, muitas vezes, a capacidade intelectual para que possa vivenciar a experiência na mensuração devida, além de, é claro, dificultar comportamentos decorrentes de um conhecimento superior ao que lhe estaria disponível. Em outras palavras, os órgãos físicos impõem limitações ao acervo do espírito.

Contudo, o conhecimento não se apaga, permanece como uma conquista do espírito e, por isso, pode transparecer de uma forma ou de outra, são as ideias inatas [5].

Os espírito dizem que “os conhecimentos adquiridos em cada existência não mais se perdem. Liberto da matéria, o espírito sempre os têm presentes. Durante a encarnação, esquece-os em parte, momentaneamente; porém, a intuição que deles conserva lhe auxilia o progresso. Se não fosse assim, teria que recomeçar constantemente. Em cada nova existência, o ponto de partida, para o espírito, é o em que, na existência precedente, ele ficou”[6].

Notas bibliográficas:

1. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, questão 780.
2. Idem; questão 780a.
3. \_\_\_; O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. III.
4. Claudio C. Conti; Hereditariedade, Jornal Correio Espírita, edição de junho de 2018.
5. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, questão 218.
6. Idem; questão 218a.

Agosto de 2018

## **Considerações Sobre a Encarnação**

Para o entendimento daquilo que está envolvido na encarnação do espírito é necessário considerar um sem número de variáveis que possuem peso muito grande na formação e características do corpo físico que servirá de ferramenta de evolução. Desta forma, não temos, ainda, condições de uma visão completa sobre o tema. Contudo, há muita informação disponível, possibilitando análises elaboradas, mesmo que de forma limitada.

Sabe-se que o acervo do espírito, isto é, as conquistas morais e intelectuais ao longo da sua caminhada evolutiva, são preponderantes no processo encarnatório [1]. Afinal, “ao nascerem, trazem os homens a intuição do que aprenderam antes: São mais ou menos adiantados, conforme o número de existências que contem, conforme já estejam mais ou menos afastados do ponto de partida”[2].

Sabe-se, ainda, que há ação constante do espírito sobre o corpo físico, conforme Kardec esclarece ao afirmar que “é o próprio espírito que modela o seu envoltório e o apropria às suas novas necessidades; aperfeiçoa-o e lhe desenvolve e completa o organismo, à medida que experimenta a necessidade de manifestar novas faculdades; numa palavra, talha-o de acordo com a sua inteligência”[3].

Com relação à matéria, a Ciência que surgiu no Século XX, trouxe conceito singulares relacionados com os fenômenos físicos. Estes não são mais independentes, mas relacionados com aquele que os observa. Ainda existe muita discussão a

respeito do dito “observador”, contudo, já foi comprovado a interdependência entre fenômeno e observador.

Dentre os fenômenos descortinados, tal como a contração do espaço e do tempo, há o que é denominado de “colapso da onda de probabilidade”. Este conceito postula que, enquanto não ocorre a observação, todas as possibilidades são possíveis - um comportamento de onda que se espalha no espaço e no tempo. Porém, no evento da observação, o fenômeno ocorre de forma específica, isto é, ocorre o colapso da onda em determinado ponto e de determinada forma.

Amit Goswami é um Físico que se dedica ao estudo e propagação da Ciência relacionada com a Espiritualidade, sendo autor de vários livros mundialmente reconhecidos. No livro *O Médico Quântico*, o autor se refere aos “chakras”, conhecidos no movimento espírito como “centros de força”, como sendo “os lugares do corpo físico onde a consciência produz simultaneamente o colapso do corpo vital e do corpo físico; nesse processo, a representação do corpo vital se transforma em corpo físico”.

Esta abordagem é muito interessante e desmistifica em muito os centros de força, abolindo muitas das interpretações sem fundamentação teórica, seja sob a ótica científica ou da espiritualidade. Muito do que se acredita com relação a estes pontos são credices propagadas ao logo do tempo e que não foram mais questionadas, mas que, infelizmente, ainda perdura na mente de fiéis e em práticas religiosas.

Estes pontos, portanto, estabelecem a expressão material da mente do espírito, estruturando tanto o perispírito quanto o corpo físico. Pontos estes em que o fenômeno material de múltiplas possibilidades para o espírito, colapsa, por assim dizer, em um corpo único e específico para as suas necessidades.

O processo, porém, é dinâmico, havendo uma constante reestruturação do corpo físico. Em outras palavras, podemos estabelecer que não há formação de um corpo na reencarnação, mas o estabelecimento de um sistema no qual o corpo de expressão é único em cada momento da vida do encarnado. No momento seguinte há um novo colapso em novo corpo, podendo até ser igual, mas trata-se de outro corpo.

A transformação íntima do espírito acarreta uma alteração na estrutura corporal. Sob este prisma, o ensinamento de Jesus que diz que “Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo”[4], toma uma outra dimensão.

As características de vida em um mundo de expiações e provas demonstram claramente que os espíritos que nele habitam necessitam se transformar moralmente para que o sofrimento, as injustiças, o orgulho e o egoísmo diminuam de intensidade até atingir uma condição mais amena e de melhor qualidade de vida para todos. Desta forma, na transformação moral há uma reestruturação do corpo, um novo corpo, por assim dizer, o que pode ser considerado como um “nascer de novo” mesmo durante o que se considera como apenas uma encarnação.

É preciso se transformar para “ver o reino de Deus”.

#### Notas bibliográficas:

1. Claudio C. Conti; Limitações ao Acervo do Espírito, Jornal Correio Espírita, julho de 2018.
2. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, questão 222.
3. \_\_\_; A Gênese - Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo, Cap. XI, item 11.
4. \_\_\_; O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. IV.



Setembro de 2018

## **Erraticidade**

Erraticidade é a condição em que o espírito se encontra durante duas encarnações, sendo válido para espíritos que, seja qual for o nível evolutivo em que se encontrem, ainda estejam em um processo reencarnatório. Nesta condição, o espírito é errante.

A partir do momento que não haja mais a necessidade de períodos como encarnados, os espíritos se encontrarão na sua condição definitiva [1]. Desta forma, apesar de errante não caracterizar um estado de inferioridade moral, somente será válido para aqueles que não atingiram o grau máximo [2].

Em termos de duração, não há um período de tempo definido, nem, tampouco, condições de se estabelecer uma estimativa, pois depende de inúmeros fatores desconhecidos para um mundo de expiações e provas e, por isso, não há como considerar qualquer tipo de cálculo. A informação constante na Codificação é que o período de um espírito na erraticidade pode variar desde “algumas horas até alguns milhares de séculos” [3]. Como pode-se perceber, é uma faixa muito ampla.

Historicamente se considera que a alma dos mortos vão para regiões bem definidas, dependendo de seu comportamento durante a vida, tais como o céu, o inferno e o purgatório. Para os espíritas, as opções são, basicamente, colônia espiritual e umbral.

Ainda há uma grande dificuldade de se reconhecer o estado de erraticidade como uma condição comum, ordinária, na vida do espírito. A ideia reinante é de que, após a desencarnação, alguns precisam de tratamento médico/

hospitalar ou ir para locais específicos, tais como regiões purgatoriais (os umbrais) ou colônias específicas. Todavia, uma grande parcela dos desencarnados necessitam, apenas, continuar com suas vidas na nova condição de existência. É interessante notar que, apesar de todo o conteúdo da Codificação Espírita, há uma grande dificuldade de se aceitar que a vida como espírito é a normal, a encarnação é uma estado anômalo.

Em decorrência do que foi dito, podemos concluir que os espíritos em condições de existência diferentes desta que conhecemos, não estão obrigatoriamente confinados em colônias, umbrais ou qualquer outro local. Há necessidade de espaço, movimentação, atividade e tudo o mais que os encarnados necessitam. Podemos reconhecer este entendimento na seguinte questão [4]:

Ocupam os espíritos uma região determinada e circunscrita no espaço?

“Estão por toda parte. Povoam infinitamente os espaços infinitos. Tendes muitos deles de contínuo a vosso lado, observando-vos e sobre vós atuando, sem o perceberdes, ... Nem todos, porém, vão a toda parte, por isso que há regiões interditas aos menos adiantados.”

O conceito de erraticidade está intimamente correlacionado com o de mundo dos espíritos e encontramos no O Livro dos Espíritos a referência ao mundo dos espíritos como sendo distinto do mundo material [5]:

Os Espíritos constituem um mundo à parte, fora daquele que vemos?

“Sim, o mundo dos Espíritos, ou das inteligências incorpóreas.”

Inicialmente, pode-se considerar que “mundo dos espíritos” se refere ao local onde os espíritos, os “mortos”, habitam, diferente daqueles que “nós”, os “vivos”, habitamos, no mundo material.

Contudo, é preciso considerar que nós também somos espíritos, portanto, este mundo que conhecemos, correlacionado com o planeta Terra, também deveria ser denominado de “mundo dos espíritos”.

Como, então, interpretar, na questão apresentada [5], o que se deseja dizer com o termo “mundo dos espíritos”?

Ao contrapor mundo dos espíritos com mundo que vemos, Kardec interpreta “mundo” como uma condição e não uma região circunscrita no espaço. Esta abordagem é similar àquela em que se diz “mundo das artes” ou “mundo das ideias”.

Assim, podemos compreender a distinção entre “mundo dos espíritos” e “mundo material” com cada qual estando relacionado com diferentes componentes. Uma condição em que existem espíritos e outra em que existe matéria, sendo que uma exerce algum tipo de ação sobre a outra, contudo, a primeira que age e a segunda “responde” com a consequência da ação.

No caso dos espíritos em condições de expiações e provas, há uma inversão de valores em decorrência do apego e, assim, a reação do mundo material à ação espiritual é considerada como a principal e não se apercebe mais da essência espiritual. Nesta condição, estes dois mundos são, até certo ponto, incompatíveis.

Esta incompatibilidade seria a causadora da atual característica de expiação do planeta Terra. Esta condição incompatível foi trabalhada por Léon Denis ao dizer [6]:

"Abaixo da superfície do eu, superfície agitada pelos desejos, pelas esperanças e pelos temores, fica o santuário onde reina a Consciência Integral, calma, pacífica, serena, o princípio da Sabedoria e da Razão, das quais a maioria dos homens só toma conhecimento através de surdas impulsões ou vagos reflexos entrevistos.

“Todo o segredo da felicidade, da perfeição está na identificação, na fusão em nós desses dois planos ou focos psíquicos. A causa de todos os nossos males, de todas as nossas misérias morais está na sua oposição.”

Desta forma, a componente material assume tal importância para o espírito a ponto da erraticidade, seu estado mais natural, ser de difícil entendimento, envolto em muitos mistérios e temores.

Notas bibliográficas:

1. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, questão 226.
2. Idem; 225.
3. Ibidem; 224a.
4. Ibidem; 87.
5. Ibidem; 84.
6. Léon Denis; O Problema do Ser e do Destino, Capítulo XXI.

Outubro de 2018

## O Espírito na Erraticidade

Dissemos em artigo precedente que a erraticidade é o estado mais natural para o espírito e que, mesmo assim, há uma grande dificuldade de reconhecê-lo como tal e, além disso, que uma grande parcela dos desencarnados necessita apenas continuar com suas vidas [1].

Na questão transcrita a seguir, Kardec apresenta uma pergunta que expressa a dificuldade encontrada pela criatura humana em se identificar com o seu estado natural de espírito [2]:

De que modo se instruem os espíritos errantes? Certo não o fazem do mesmo modo que nós outros?

“Estudam e procuram meios de elevar-se. Vêem, observam o que ocorre nos lugares aonde vão; ouvem os discursos dos homens doutos e os conselhos dos espíritos mais elevados e tudo isso lhes incute ideias que antes não tinham.”

É difícil de saber qual foi a intenção de Kardec ao formular a pergunta com o adendo de que certamente a evolução, na erraticidade, não ocorria do mesmo modo que os encarnados, pois, ele possuía, se é que podemos afirmar, o melhor entendimento da Codificação dentre os encarnados, tanto na época quanto atualmente. Contudo, podemos supor que almejava salientar a natureza da sua pergunta.

A resposta todavia, não poderia ser mais clara e direta. O processo de instrução, seja na condição de encarnado ou na erraticidade, é exatamente o mesmo: o estudo, a busca de meios para a própria elevação, a atenção às experiências, a frequência em palestras de temas variados e ouvir conselhos dos mais experientes. Isto nos diz que a evolução é decorrente do esforço pessoal e dedicação.

Todavia, a condição em si mesma não é garantia de aprimoramento. Muitos, diante de oportunidades múltiplas, preferem divertimentos diversos. Noites e dias inteiros de festejos variados, enquanto que os estudos são negligenciados.

A internet proporciona material educacional inestimável, numerosas universidades disponibilizam cursos, palestras e textos acadêmicos, livros para baixar gratuitamente, vídeos educacionais, dentre outros. Todavia, o número de acessos é muito baixo, dificultando a captação de recursos. Em contrapartida, páginas e vídeos de conteúdo duvidoso e de muito baixo teor são visitados aos milhares, obtendo recurso valioso, porém, mal empregado.

O ser se comportará na erraticidade de forma semelhante ao seu comportamento enquanto na crosta. Desta forma, aquele que busca apenas divertimento, permanecerá sem se ocupar com estudo; em contrapartida, o estudioso manterá o padrão acelerado de evolução.

Interessante que, segundo os responsáveis pela Codificação, os espíritos elevados deixam, com o invólucro material, as paixões más e só guardam a do bem [3] - aqui precisamos ponderar acerca de “elevados”, pois não necessariamente seriam aqueles de alto grau evolutivo, mas os que buscam o aprimoramento pessoal. Em contrapartida, os espíritos inferiores conservam as paixões más [3].

É preciso lembrar que buscar o bem e ocupação sadia é sinal de elevação e atrai, para si, os bons espíritos enquanto repele os maus.

A duração de tempo entre encarnações em que o espírito passa na erraticidade, segundo a Codificação, varia entre horas e milhares de séculos [4]. Podendo, esta faixa, ser muito ampla, verifica-se a necessidade de esforço, por parte do espírito, no sentido de aproveitar este período para seu aprimoramento. Caso contrário, pode desperdiçar precioso tempo, assim como muitos o fazem durante o período de encarnado.

A encarnação, apesar de ser relativamente curta quando comparado com o possível largo período na erraticidade, é oportunidade preciosa em decorrência de toda a complexidade em estabelecer as condições necessárias para que o espírito possa encarnar, desde antes da fecundação do óvulo, passando pela gestação, nascimento e todos os anos até atingir plena consciência de si para que possa ponderar acerca da sua própria existência e identificar aquilo que necessita ser feito.

A importância da experiência na condição de encarnado é tamanha que é nesta que o espírito põe em prática aquilo que conquistou na erraticidade [5]. Desta forma, ambas as condições se mostram fundamentais, não podendo desprezar uma acreditando que poderá compensar na outra. Assim, uma encarnação perdida em decorrência de negligência conduzirá à experiências penosas por ser necessário a repetição de ensinamentos previamente vivenciados e aprendidos, mas que não foram postos em prática.

Por outro lado, um período na erraticidade negligenciado acarretará em uma experiência corporal penosa por não ter aprendido aquilo que utilizaria na prática, assim, se vê diante de situações para as quais não sabe como proceder.

Em geral, espíritos compatíveis com um mundo de expiações e provas tendem para a negligência e, por este mesmo motivo, encontramos tanto sofrimento na Terra.

Notas bibliográficas:

1. Claudio C. Conti; Erraticidade, Jornal Correio Espírita, Setembro de 2018.
2. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, questão 227.
3. Ibid.; 228.
4. Ibid.; 224a.
5. Ibid.; 231.



Novembro de 2018

## Mundos Transitórios

Em um olhar pouco atento, ao lermos sobre os mundos transitórios em O Livro dos Espíritos, tem-se a impressão de se tratar apenas de locais de repouso ou “estações” na jornada, entre um mundo e outro, para os espíritos na erraticidade [1,2]. Contudo, no aprofundamento deste tema, podemos chegar à conclusões muito interessantes, demonstrando que, na Criação, tudo tem um motivo muito mais amplo para existir.

Como poderíamos esperar das Leis de Deus, o espírito está sempre em condições de aprender e evoluir [3] e, sob esta premissa básica, não seria sensato crer que os mundos transitórios sejam locais de “descanso”. Desta forma, assim como o planeta Terra é local de trabalho, apesar do que muitos podem pensar, esses mundos também ensinam o progresso.

Contudo, podemos inferir que, enquanto servirem de morada para espíritos, por assim dizer, em “trânsito”, não abrigariam em seu seio os processos encarnatórios. Assim sendo, o que caracteriza um mundo de transição é o fato de não propiciar condições para que espíritos possam se expressar materialmente em uma estrutura orgânica, tal como conhecemos ou equivalente.

A possibilidade de haver a encarnação está intimamente atrelada às condições de habitabilidade material de determinando local, isto é, a vida orgânica, ou equivalente, necessita de determinados requisitos para sua manutenção. Na Terra, por exemplo, necessitamos de água, ar, luz solar, alimento, dentre outros.

Os mundos transitórios, por sua vez, são estéreis [4]. Apesar da Terra ser um planeta fértil, já foi estéril nos primórdios da sua formação. Assim sendo, por definição, há possibilidade da Terra ter se encontrado na categoria de transitório e é isto o que afirmam os espíritos responsáveis pela Codificação [5,6].

No processo de elaboração dos mundos que venham a abrigar vida material, há algumas etapas bem definidas: a) formação; b) esterilidade; c) estruturação de matéria condizente com a vida física; d) surgimento da vida física em níveis mais simples e; e) surgimento da vida em níveis mais complexos.

A formação é decorrente de fatores materiais, obedecendo às leis da Física e da Química, estáveis e constantes para o universo conhecido. Contudo, as condições de habitabilidade, aquelas condizentes com a vida física, serão decorrentes do tipo de vida em si mesma que, por sua vez, está relacionado com o tipo de espírito que se manifestará na matéria.

Na questão 234 de O Livro dos Espíritos, encontramos uma informação crucial para o entendimento da função, do motivo pelo qual os mundos transitórios existem, além, é claro, de servir de locais de repouso. A resposta da citada pergunta diz que “são, entre os outros mundos, posições intermédias, graduadas de acordo com a natureza dos espíritos que a elas podem ter acesso...” [1].

Vemos, portanto, que os mundos transitórios não são todos de uma única categoria, servindo de estação para todo e qualquer espírito, mas estão em níveis intermediários em relação com os outros mundos. Assim, os espíritos que “descansam” neste ou naquele mundo deverão ser de condição específica, compatível com ele.

A presença destes espíritos dão ensejo para a terceira etapa - estruturação de matéria condizente com a vida física. Como foi dito, a vida física está relacionada com o tipo de espírito, desta forma, é preciso a presença de espíritos para moldar a matéria segundo seu psiquismo, mesmo que inconscientemente, através de um processo natural.

A quarta etapa - surgimento da vida física em níveis mais simples - é decorrente de um processo de elaboração das formas e que deve ser condizente com os espíritos que utilizarão estas mesmas formas. Por isso, este processo deverá ter como base a etapa anterior de adequação da matéria ao psiquismo dos espíritos para que, a estrutura física de manifestação possa estar adequada. Podemos supor que a matéria que inicialmente se adequou é aquela que foi denominada de "protoplasma" pelo espírito Emmanuel [7], que a descreve da seguinte forma: "Dizíamos que uma camada de matéria gelatinosa envolveu o orbe terreno em seus mais íntimos contornos. Essa matéria, amorfa e viscosa, era o celeiro sagrado das sementes da vida. O protoplasma foi o embrião de todas as organizações do globo terrestre, e, se essa matéria, sem forma definida, cobria a crosta solidificada do planeta, em breve a condensação da massa dava origem ao surgimento do núcleo, iniciando-se as primeiras manifestações dos seres vivos".

A partir destes primeiros seres vivos, deu-se início a quinta etapa - surgimento da vida em níveis mais complexos. Emmanuel diz que "milhares de anos foram precisos aos operários de Jesus, nos serviços de elaboração das formas" [7].

É todo um longo processo de formação e adequação de mundos para que os espíritos nas diversas condições possam encontrar campo propício para sua evolução, a caminho da

finalidade da Criação demonstrando que, como disse Jesus, há muitas moradas na casa do Pai [8].

Notas bibliográficas:

1. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, questão 234.
2. Ibid.; 234a.
3. Ibid.; 235.
4. Ibid.; 236a.
5. Ibid.; 236d.
6. Ibid.; 236e.
7. Emmanuel (psicografia de Francisco C. Xavier); A Caminho da Luz, Cap. II.
8. Allan Kardec; O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. III.

Dezembro de 2018

## Percepção dos Espíritos

A condição em que o espírito se encontra após a desencarnação é, muitas vezes, de difícil entendimento para os encarnados em um mundo de expiações e provas. A origem das dificuldades de compreensão daquilo que esteja além da matéria é inerente à sua própria condição, isto é, reside no fato da mente estar, invariavelmente, alinhada com a própria matéria e os sentidos físicos. Em outras palavras, o espírito encarnado tende a entender somente aquilo que é percebido pelos sentidos físicos.

Desta forma, é preciso esforço mental e meditação sobre os temas que transcendem à limitação da sua condição. Visando auxiliar neste processo, a Doutrina Espírita fornece informação fundamental e básica sobre as questões relacionadas com o ser espiritual que habita o corpo de expressão.

Allan Kardec questionou os espíritos responsáveis pela Codificação sobre a percepção do ser desencarnado, se conserva as percepções que tinha quando na Terra. A resposta é de que, além daquelas que possuía enquanto encarnado, em decorrência de se liberar da matéria densa, outras se tornam disponíveis [1].

Esta resposta, contudo, se analisada isoladamente, pode conduzir a conclusões equivocadas, pois, pode ser interpretada como tendo, o espírito desencarnado, muito mais ampla percepção da realidade. Todavia, Kardec segue o seu questionamento no intuito de aprimorar a informação disponível, e pergunta se esta percepção e o conhecimento são

ilimitados, isto é, se sabem tudo. A resposta não poderia ser mais esclarecedora, pois afirmam que “Quanto mais se aproximam da perfeição, tanto mais sabem. Se são espíritos superiores, sabem muito. Os espíritos inferiores são mais ou menos ignorantes acerca de tudo”[2].

O nível de conhecimento está atrelado à condição evolutiva; a percepção da realidade, por sua vez, está atrelada ao conhecimento. Portanto, os espíritos inferiores apresentam acanhada percepção da realidade em sua essência mais pura e, com isso, vivem a “realidade” que criam para si mesmos.

Têm-se, muitas vezes, a equivocada noção de que a realidade é aquilo que é vivenciado em decorrência do que é percebido pelos sentidos físicos. Todavia, isso não passa de uma ilusão, pois, a vivência está relacionada com a interpretação daquilo que é percebido pelos sentidos. Com o aprimoramento do conhecimento, aumenta a capacidade de interpretação e, cada vez mais, se aproxima da realidade.

Carl G. Jung, o eminente estudioso do psiquismo humano esclarece que “...há aspectos inconscientes da nossa percepção da realidade. O primeiro deles é o fato de que, mesmo quando os nossos sentidos reagem à fenômenos reais e às sensações visuais e auditivas, tudo isso, de certo modo, é transposto da esfera da realidade para a da mente. Dentro da mente esses fenômenos tornam-se acontecimentos psíquicos cuja natureza radical nos é desconhecida”[3].

O cérebro, órgão responsável pelo processamento de informação em um organismo vivo, nunca esteve em contato direto com a luz, por exemplo. Outro ponto interessante é apresentado pelo físico Erwin Schrödinger: “A sensação de cor não pode ser explicado pelo quadro objetivo que o físico faz das ondas luminosas. Não há processo nervoso cuja descrição objetiva inclua a característica ‘cor amarela’ ou ‘sabor doce’,

da mesma forma que não há descrição objetiva de uma onda eletromagnética que inclua qualquer dessas características"[4].

A informação pertinente à luz ou ao som, chega ao cérebro como pulsos elétricos, através de um complexo processamento. Em outras palavras, ambas formas de transmissão de energia, luz e som, são percebidas pelos sentidos físicos da visão e da audição através da interação com células especializadas, sensíveis à captação de energia desta ou daquela forma. Neste processo, pulsos elétricos que carregam a informação, são transmitidos através dos nervos até a central de processamento, o cérebro, que, por sua vez, constrói uma “realidade” compatível com a informação que recebeu.

Carl G. Jung expressa o sentimento comum com relação a percepção dizendo o seguinte: “Parece que o consciente flui em torrentes para dentro de nós, vindo de fora sob a forma de percepções sensoriais. Nós vemos, ouvimos, apalpamos e cheiramos o mundo, e assim temos consciência do mundo. Estas percepções sensoriais nos dizem que algo existe fora de nós. Mas elas não nos dizem o que isto seja em si. Isto é tarefa, não do processo de percepção, mas do processo de apercepção”[5].

Em resumo, pode-se dizer que a percepção é mais fisiológica enquanto que a apercepção é mais psíquica com certo grau de complexidade, sendo composta por diversos processos psíquicos, que são: de reconhecimento; de avaliação; intuitivo; volitivos e; instintivos [6].

Note-se que, neste processo, poderá haver falhas na formação dos pulsos compatíveis com a informação, falhas durante o percurso destes pulsos e, por último, na própria interpretação.

Assim, considerando um processo de transmissão de informação entre o órgão responsável por determinado sentido,

tal como o olho para a luz, e o cérebro, a qualidade da interpretação estará diretamente relacionada apenas com o conhecimento, tanto geral quanto de si mesmo.

O processo de interpretação está associado, no caso da visão, com o acervo do espírito. Em um exemplo simples, podemos supor que um indivíduo esteja vendo uma casa, a imagem que chega ao cérebro é comparada com o acervo e, ao encontrar uma imagem conceito, há a identificação de se tratar de uma casa. Todavia, ao encontrar um imagem igual, há a identificação da casa, tal como a própria ou de algum parente ou amigo.

A realidade, contudo, é muito mais do que apenas identificação de padrões, pois requer a interpretação de eventos isolados ou de uma sequência de eventos, demandando a elaboração de raciocínio lógico e de pensamento abstrato. Podemos verificar, desta forma, que o conhecimento é muito mais do que acervo de informação e inclui a interpretação.

#### Notas bibliográficas:

1. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, questão 237.
2. Ibid.; questão 238.
3. Carl G. Jung; O Homem e Seus Símbolos, pg. 21.
4. Erwin Schrödinger; Mente e Matéria pg. 166.
5. Carl G. Jung; A Natureza da Psique, pg 78.
6. Ibid; pg 75.



Janeiro de 2019

## Sofrimento dos Espíritos

Na edição de dezembro de 2018 do Jornal Correio Espírita, foi publicado o artigo intitulado Percepção dos Espíritos. Neste texto foi dito que a mente se mantém, invariavelmente, alinhada com a matéria e os sentidos físicos. Foi dito, ainda, que a realidade vivenciada pelo espírito está relacionada com a sua interpretação pessoal daquilo que é percebido pelos sentidos [1].

A questão do sofrimento dos espíritos pode ser tratada com abordagem semelhante.

A matéria, por si mesma não sente dor ou possui qualquer tipo de necessidade. Apesar de ser preciso cuidados para a manutenção da integridade de uma estrutura material, seja um corpo humano, um prédio ou um objeto, isto, contudo, não corresponde a uma necessidade intrínseca da matéria, mas de um interesse pessoal do espírito na estrutura.

Neste prisma, o sofrimento está atrelado à interpretação do espírito na sua relação com a matéria em decorrência de um fluxo de informação que transita entre espírito e corpo.

No livro A Gênese, Kardec trata desta questão com grande maestria, analisando sob a ótica espírita. Ao abordar os temas de catalepsia e de ressurreições, diz o seguinte: “A matéria inerte é insensível; o fluido perispirítico igualmente o é, mas transmite a sensação ao centro sensitivo, que é o espírito. As lesões dolorosas do corpo repercutem, pois, no espírito, qual choque elétrico, por intermédio do fluido perispiritual, que parece ter nos nervos os seus fios condutores”[2].

Esta colocação de Kardec projeta alguma luz sobre o processo em si de comunicação corpo-espírito e podemos correlacionar com o fio de cobre utilizado nos circuitos elétricos. O fio, por si mesmo, não é a eletricidade nem a possui, mas serve apenas como condutor. A passagem, ou fluxo, de elétrons no condutor é que dá surgimento ao efeito - eletricidade. Os nervos, funcionando como fios condutores, não são a informação, nem a possui. A informação é transmitida através de um agente, o fluxo de fluido perispirítico.

Tanto o fluido perispirítico quanto o corpo são insensíveis, por serem ambos de natureza material, todavia, o espírito se mantém informado sobre os fenômenos (alterações, processo, etc.) que ocorrem no corpo sendo que, alguns destes fenômenos, são interpretados como sofrimento. Isto em se tratando do que é considerado como sofrimento físico.

Continuando com a nossa correlação da comunicação corpo-espírito com a corrente elétrica, temos um elemento muito interessante utilizado no campo da eletrônica: o diodo.

Este componente tem a possibilidade de permitir que a corrente elétrica flua em um sentido apenas, impedindo a corrente no sentido contrário. É uma espécie de chave automática que possibilita o estabelecimento da corrente quando a polarização é direta e inibindo a corrente na polarização inversa.

Similarmente como no caso do diodo, Kardec, no mesmo item mencionado anteriormente, expõe a possibilidade de interrupção do fluxo de comunicação corpo-espírito, baseado no fluido perispirítico nos casos da amputação de um membro ou decorrente da ruptura de um nervo [2]. Nestes casos, é fácil de entender e muito lógico. Todavia, Kardec vai mais além nesta questão quando diz que pode haver uma interrupção “parcialmente ou de maneira geral e sem nenhuma

lesão, nos momentos de emancipação, de grande sobreexcitação ou preocupação do espírito. Nesse estado, o espírito não pensa no corpo e, em sua febril atividade, atrai a si, por assim dizer, o fluido perispiritual que, retirando-se da superfície, produz aí uma insensibilidade momentânea”[2].

Assim, verificamos que existem formas de impedir o fluxo de fluido perispiritico e que podem ser interpretadas como na corrente elétrica. Não estamos, com isso, dizendo que ocorram da mesma forma, mas processos equivalentes. No caso do diodo, a interrupção é decorrente do sentido da polarização, enquanto que na comunicação corpo-espírito, a interrupção é decorrente de processos mentais, mesmo que inconscientes.

Nos eventos em que estes processos mentais se estabelecem, na sequência da explanação de Kardec, "no próprio fluido perispiritual uma modificação molecular se opera, que lhe tira temporariamente a propriedade de transmissão. É por isso que, muitas vezes, no ardor do combate, um militar não percebe que está ferido e que uma pessoa, cuja atenção se acha concentrada num trabalho, não ouve o ruído que se lhe faz em torno. Efeito análogo, porém mais pronunciado, se verifica nalguns sonâmbulos, na letargia e na catalepsia"[2].

Diante do exposto, podemos discutir sobre a forma como espíritos desencarnados experimentam o sofrimento. Recorrendo ao O Livro dos Espíritos temos que os espíritos conhecem o sofrimento devido às suas encarnações, mas não o experimentam como nós, isto é, decorrente das ocorrências no corpo [3], mas por registros mentais. Em outras palavras, vendo ou pensando em algo que causa dor, o espírito experienciará o sofrimento, tal qual quando nós, encarnados, vemos algo aflitivo também experienciamos o sofrimento.

A mente e seus processos ditam as experiências vivenciadas. Por isso, a adequação mental evitará o sofrimento das mais variadas matizes, seja para os encarnados ou desencarnados.

Notas bibliográficas:

1. Claudio C. Conti; Percepção dos Espíritos, Jornal Correio Espírita, dezembro de 2018.
2. Allan Kardec; A Gênese, Cap. XIV, item 29.
3. \_\_\_\_; O Livro dos Espíritos, questão 253.

Fevereiro de 2019

## **Curas Espirituais**

Cura espiritual é um tema fascinante e envolto em mistérios e misticismos dos mais variados matizes e, por isso, não é um tema fácil de ser abordado por se tratar da esperança e de crenças mais profundas do ser. Em decorrência da ânsia pela cura por parte do enfermo e da falta de conhecimento sobre esta questão, muitos equívocos são perpetrados ao longo do tempo.

Diante deste cenário, muitas vezes, o indivíduo se empolga e se deixa levar por falácias embutidas em muitos discursos e que são disseminadas com as mais variadas intenções, analisando a informação segundo o próprio interesse, sem considerar a totalidade da questão. Via de regra, se busca o caminho mais fácil e, com isso, a pessoa, seja fragilizada pela condição de enfermidade em que se encontra ou devido a atração pelo misticismo, se sujeita à práticas que podem ser inócuas ou, até mesmo, perniciosas para a sua saúde física e mental.

As curas espirituais são factíveis e Kardec, em suas pesquisas, identificou a possibilidade de se alcançar a cura através da mediunidade. Apesar de um pouco longo, é interessante, aqui, reproduzir uma parte significativa do texto: “Diremos apenas que este gênero de mediunidade consiste, principalmente, no dom que possuem certas pessoas de curar pelo simples toque, pelo olhar, mesmo por um gesto, sem o concurso de qualquer medicação. Dir-se-á, sem dúvida, que isso mais não é do que magnetismo. Evidentemente, o fluido magnético desempenha aí importante papel; porém, quem

examina cuidadosamente o fenômeno sem dificuldade reconhece que há mais alguma coisa. A magnetização ordinária é um verdadeiro tratamento seguido, regular e metódico”[1].

Contudo, Kardec vai mais além em sua busca de entendimento e elabora várias perguntas para os espíritos responsáveis pelo esclarecimento da humanidade; dentre elas, importa ressaltar [1]: Pergunta: 8ª Podem obter-se curas unicamente por meio da prece? Resposta: "Sim, desde que Deus o permita; pode dar-se, no entanto, que o bem do doente esteja em sofrer por mais tempo e então julgais que a vossa prece não foi ouvida.”

Desta forma, fica claro que a cura por si mesma reside no próprio enfermo, e não em qualquer outra origem, sejam médiuns, práticas ou locais. Preconizar o contrário é demonstrar limitação no conhecimento ou má fé. Em ambos os casos, é necessário o aprimoramento pessoal.

Com a disseminação de que as curas são realizadas por outrem, enfermos incautos e seus familiares são presas fáceis para os charlatães. Diante de falsos médiuns ou médiuns ignorantes que são desmascarados, surge a pergunta: Como curas são realizadas através deste ou daquele médium? A resposta, contudo, é muito simples, pois, conforme já dito, a cura reside no próprio enfermo e não em qualquer prática exterior.

Interessante que isto não é claro nem mesmo no meio espírita, no qual circula muita informação tendenciosa, mudando o foco da atenção, que deve ser a transformação pessoal. Neste ambiente distorcido, surgem os “médiuns e centros fortes” com práticas das mais diversas, reproduzindo os locais onde ocorreram os ditos “milagres”, tal qual imagens que choram sangue ou aparições.

O melhor médium curador que já esteve entre os encarnados na Terra e que, sobre o qual, não existe qualquer suspeita, foi Jesus. A análise de seu “modus operandi” deve servir para esclarecer sobre a questão das curas espirituais e é na Codificação Espírita que encontramos material de estudo, pois, Kardec analisou os “milagres de Jesus” [2]. Apresentaremos três exemplos:

#### 1) Perda de sangue:

Jesus caminhava em meio a uma multidão e varias pessoas o tocavam. Nesta ocasião, uma mulher que padecia de hemorragia e que já havia procurado vários médicos, toca nas vestes de Jesus que, por sua vez, percebeu algo em especial, diferente de todos os outros, pois, neste toque, sentiu um fluxo de fluido saindo dele em direção à uma pessoa específica.

O interessante deste relato é que Jesus ficou curioso em conhecer quem era responsável pela atração do fluido que expeliu naturalmente mediante o estímulo que recebera. Olhando ao seu redor, perguntou aos discípulos quem o havia tocado; a mulher, cheia de receio, se apresentou, pois sentiu o efeito imediato daquele fluido em sua organização física-perispiritual. Jesus a olhou e disse: “sua fé te curou”.

Pelo relato, conclui-se que Jesus não pode ter “impregnado” o fluido com qualidades definidas, pelo simples fato de ele não saber quem o havia tocado e as mazelas que a pessoa possuía.

#### 2) O cego de Betsaida:

Neste relato, diferentemente do anterior, verifica-se uma ação intencional de Jesus em imprimir qualidades específicas ao fluido.

No procedimento adotado para este caso, Jesus colocou saliva nos olhos de um cego e, depois, impôs as mãos sobre ele. Contudo, como o homem não havia recobrado a visão completamente, Jesus posicionou as mãos nos seus olhos e, então, o cego passou a enxergar.

O procedimento de cura adotado é mais complexo do que o anterior, pois foi necessário uma ação local (saliva nos olhos), outra mais abrangente no ser (imposição das mãos) e, após uma primeira avaliação do resultado obtido, outra ação local (imposição das mãos na região dos olhos).

Jesus utilizou da ação fluídica intencionalmente, com qualidades específicas e de formas variadas.

### 3) O paralítico da piscina:

No encontro com um paralítico, após uma primeira avaliação, Jesus, muito simplesmente, pronunciou um comando verbal: “Levanta-te, toma o teu leito e vai para sua casa”. Diante destas palavras, o paralítico se levantou e andou.

Apesar de parecer milagre, Kardec apresenta uma explicação para o caso, no qual a chave para esta questão está no que Jesus disse ao paralítico antes do comando para que andasse: “Meu filho, tem confiança; perdoados te são os teus pecados”.

Kardec explica que o paralítico em questão se encontrava nesta condição em decorrência de faltas cometidas em outras encarnações. Jesus, então, acessa a condição espiritual do paciente e constata que ele já havia cumprido o que lhe cabia, estando, desta forma, por assim dizer, quite com



a Providência, sendo liberado do processo educativo no qual se encontrava.

Baseado nestes três casos em que houve sucesso na cura de doentes sofrendo de enfermidades e motivos diferentes, percebe-se, claramente, que os procedimentos não foram os mesmos. A cura utilizando fluidos é mais complexa do que a simples administração de um “medicamento” de forma ritualística e, principalmente, a postura do paciente é fundamental para viabilizar a cura.

Diante das curas realizadas por Jesus, em que sempre afirmava que a fé do paciente é que o havia curado, pode-se perguntar: O quanto é ação do médium (passista ou curador) e o quanto é ação do paciente?

Cabe, portanto, ao médium o aprimoramento constante do entendimento da mediunidade e dos processos envolvidos na manutenção da saúde. Deve, também, ter em mente que os fluidos sofrem a ação do pensamento, desta forma, no intuito de configurar o fluido, que emanará de si mesmo, com propriedades curativas, deverá manter este pensamento recorrente, isto é, deverá cuidar da própria saúde, desenvolvendo hábitos saltares em todos os campos da sua vida e em todos os dias da semana, e não apenas nos dias da atividade mediúnica.

Nas passagens de Jesus envolvendo cura, ele reitera aos pacientes que foi a fé que eles traziam em seu imo que os havia curado, na qual atribuía a maior importância. Assim, uma postura de fé do paciente é fundamental para alcançar a cura. Todavia, com a fé fortalecida diante das dificuldades que encontra e no contato com a Doutrina Espírita no sentido de

desenvolver um sistema adequado de crenças e valores, mesmo que não alcance a cura do corpo, alcançará a cura da alma.

A necessidade de se estabelecer o aprimoramento pessoal é fundamental para alcançar a cura da alma - saúde mental. Esta cura é garantida desde que haja o esforço do paciente; a cura do corpo, apesar de desejada, passa a ser secundária ou consequência.

Sendo o espírito encarnado o mantenedor da estrutura corporal, mesmo que haja um processo de cura de fora para dentro, isto é, mesmo que um espírito como Jesus “force” o restabelecimento da saúde, após determinado tempo, que poderá ser curto ou longo, dependendo das mazelas do espírito, a enfermidade se restabelecerá. Portanto, sem a adequação psíquica não há saúde duradoura. Kardec chegou a esta conclusão na sua análise da passagem de Jesus em que há o relato de seu encontro com dez homens que sofriam de lepra.

Os dez leprosos rogaram a piedade de Jesus e foram orientados a se mostrarem para os sacerdotes da época. Durante o caminho, eles se viram curados, contudo, apenas um deles retornou para agradecer e render graças. Ao ser informado que os outros nove não retornaram, Jesus disse àquele que estava diante dele: “Tua fé te salvou” [2].

Kardec analisa este relato da seguinte forma: “Acrescentando: ‘Tua fé te salvou’, fez ver que Deus considera o que há no âmago do coração e não a forma exterior da adoração. Entretanto, também os outros tinham sido curados. Fora mister que tal se verificasse, para que ele pudesse dar a lição que tinha em vista e tornar-lhes evidente a ingratidão. Quem sabe, porém, o que daí lhes haja resultado; quem sabe se eles terão se beneficiado da graça que lhes foi concedida? Dizendo ao samaritano: ‘Tua fé te salvou’, dá Jesus a entender que o mesmo não aconteceu aos outros” [2].

O trabalho de estabelecimento da cura de qualquer enfermidade, seja psíquica ou física, demanda a transformação pessoal para que realmente possa ocorrer, caso contrário, tal cura poderá ser apenas aparente, retornando após determinado tempo. O mais indicado, portanto, é a profilaxia, onde se trabalha pela transformação antes que haja o estabelecimento de enfermidades educativas, nesta condição, o sofrimento é minimizado e a tarefa muito mais fácil.

É importante lembrar que todos, sem exceção, são capazes de movimentar a espiritualidade superior quando se trabalha pelo próprio aprimoramento.

#### Referências:

1. Allan Kardec; O Livro dos Médiuns, Cap. XIV, item 7.
2. \_\_\_\_; A Gênese - Os Milagres e Predições Segundo o Espiritismo, Cap. XV.

Março de 2019

## **Escolha das Provas**

Vivemos em um mundo, segundo apresentação didática, na categoria de expiação e provas [1]. Contudo, é fundamental o aprofundamento do estudo para que possamos compreender o motivo pelo qual aqui nos encontramos e, principalmente, para nortear o próprio comportamento tendo em vista galgar locais em condições mais amenas.

Diante do tema em epígrafe, quase que imediatamente, vem à mente escolher somente provas fáceis. Esta opção, aparentemente tão natural para espíritos ligados à um mundo como este, ocorreu, até mesmo, para Kardec, tanto que direcionou este questionamento aos espíritos. A resposta obtida, contudo, foi que “Pode parecer-vos a vós; ao espírito, não. Logo que este se desliga da matéria, cessa toda ilusão e outra passa a ser a sua maneira de pensar”[2].

Na condição de encarnado, tendo como referência a matéria e os sentidos físicos, o espírito analisa sua existência segundo os parâmetros limitados que estão disponíveis para as faculdades cognitivas do ser. Haverá uma demanda de maior quantidade de trabalho e, portanto, de energia, para o espírito direcionar sua atenção para aquilo que esteja, por assim dizer, além do terra-a-terra.

Com a resposta dos espíritos apresentada à Kardec que foi transcrita anteriormente [2], podemos supor que, liberto da matéria, com mesmo nível de trabalho a que está acostumado, ou seja, usando a mesma quantidade de energia, poderá entrever além do seu próprio ser e, de certa forma, vislumbrar a

eternidade. Nesta condição, os parâmetros de avaliação mudam completamente.

Contudo, resta uma grande questão: Porque necessitamos de provas?

Primeiramente, não podemos confundir prova com expiação. A expiação é a consequência do arrependimento das escolhas das provas.

O espírito em níveis evolutivos como os da Terra vislumbram, primeiramente, o benefício próprio, isto é, o egoísmo é uma característica muito marcante [3]. Assim, na erraticidade, diante do vislumbre da eternidade e dos benefícios, se predispõem ao trabalho. Porém, enquanto encarnado, acessando diretamente apenas as sensações físicas, envereda por caminhos diferentes daquele que programou, mesmo com os estímulos e condições condizentes com as provas escolhidas.

A desistência acarreta a repetição da prova e é nisso que consiste a expiação e, por isso, o sofrimento será tanto mais severo quanto o número de vezes que repete a mesma prova. Portanto, o sofrimento está relacionado com a desistência do enfrentamento daquilo que compete ao espírito cumprir.

Além da desistência em cumprir o programado, buscando experiências que lhe apraz, o espírito tende, pelo mesmo motivo, a considerar deveres, em geral, como causa de sofrimento. Assim, inclusive as tarefas diárias mais banais, tais como estudo e trabalho, ganham conotação de pesar, mesmo sendo estas atividades a causa de uma vida saudável, de sustentação da família, segurança, moradia e lazer, dentre outras.

Desta forma, os deveres comuns à todos para um encarnação proveitosa e saudável passam a ser causa de sofrimento e o espírito considera estas atividades,

erroneamente, como expiação. Nesta relação com os deveres, o espírito causa a si mesmo muito desconforto.

Encontramos n'O Evangelho Segundo o Espiritismo orientações muito pertinentes para esta questão. Sob o título Causas Atuais das Aflições [4], temos que “O homem, pois, em grande número de casos, é o causador de seus próprios infortúnios” e que “Os males dessa natureza fornecem, indubitavelmente, um notável contingente ao cômputo das vicissitudes da vida. O homem as evitará quando trabalhar por se melhorar moralmente, tanto quanto intelectualmente”.

Muitas vezes nos preocupamos com vidas progressas e, outras tantas, nos ocupamos com terapias inócuas e, até mesmo, prejudiciais. Todavia, o grande causador dos males é o próprio espírito durante a encarnação, seja por não fazer o que devia ou por fazer o que não devia. Esta informação é tão importante que faz parte de orientação contida na Codificação ao dizer: “O homem, pois, em grande número de casos, é o causador de seus próprios infortúnios; mas, em vez de reconhecê-lo, acha mais simples, menos humilhante para a sua vaidade acusar a sorte, a Providência, a má fortuna, a má estrela, ao passo que a má estrela é apenas a sua incúria”[4].

Por último, podemos nos perguntar sobre a necessidade de um processo evolutivo, pois, sendo Deus, poderia criar espírito já evoluídos.

No entanto, a lógica nos diz que esta não seria uma opção viável, pois, sendo Deus, mesmo podendo tudo e qualquer coisa, é soberana justiça e bondade. Neste sentido, para ser justo e bom, seria necessário que todos os espíritos criados fossem completamente iguais, cópias fiéis um do outro, verdadeiros clones, na real concepção da palavra, com pensamentos iguais, gostos iguais e atitudes iguais. Se não fossem idênticos, certamente haveria os melhores e os piores,

mesmo que a diferença fosse mínima, ainda assim, não haveria soberana justiça.

Por ser infinitamente justo, Deus realmente cria todos exatamente iguais, mas, na condição de simples e ignorantes para, através das provas, desenvolvermos aptidões e gostos diferentes e, enfim, tomarmos a nossa posição na grande oficina da criação.

Notas bibliográficas:

1. Allan Kardec; O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. III.
2. \_\_\_; O Livro dos Espíritos, Questão 266.
3. \_\_\_; O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. XI.
4. Ibidem, Cap. V.

Abril de 2019

## **A Questão da Obediência**

O Ministério Público de Goiânia investiga o caso de abuso sexual por parte de um médium envolvido com tratamentos e curas espirituais. Segundo informação disponibilizada pela imprensa, centenas de mulheres relataram abusos por parte do médium [1].

Entidades espíritas se manifestaram no sentido de esclarecer que o dito médium, devido às práticas que adotava em sua tarefa mediúnica, não estava ligado ao Espiritismo. Contudo, em nossa opinião, esta é uma explicação superficial e limitada por não trazer à luz o motivo pelo qual estamos sujeitos a ser vítimas de abusos dos mais diversos, não apenas o sexual. É necessário o aprofundamento para que tal ocorrência possa ser compreendida e, assim, seja possível esclarecer, não apenas os espíritas, mas a população em geral para que, independente da vertente religiosa/filosófica, indivíduos de índole questionável não consigam subjugar pessoas ao ponto de as tornar vítimas de seus desvirtuamentos morais. Além do mais, não podemos, nem devemos, considerar que o movimento espírita esteja livre de situações como esta.

Este esclarecimento se faz premente pelo motivo de que o caso do médium de Abadiânia, cidade do estado de Goiás, não é único. Recentemente, foi divulgado na mídia o caso de abusos em uma ordem religiosa na França. As freiras eram feitas de escravas sexuais. Segundo uma repórter, "suicídios, abusos físicos e mentais, antidepressivos e anorexia faziam parte do cotidiano de uma ordem religiosa onde freiras foram



transformadas em 'escravas sexuais' por padres da congregação”[2]. Estas situações se repetem.

Em se tratando de umas poucas vítimas, seria possível encontrar uma explicação qualquer, verdadeira ou não. Entretanto, como estes casos podem chegar à centenas ou milhares, devemos considerar a existência de um fator psicológico presente na humanidade que, de alguma forma, em situações específicas, inibe a oposição das vítimas aos seus algozes.

Diante dos eventos ocorridos durante a Segunda Grande Guerra, mais especificamente com o Nazismo, muitos se detiveram a entender o motivo pelo qual este tomou tamanhas proporções. Dentre eles, importa ressaltar Stanley Milgram, psicólogo norte-americano, que desenvolveu uma pesquisa muito interessante no início da década de 60, a qual visava o estudo sobre obediência à autoridade.

A obediência à autoridade é necessária como base para uma convivência em sociedade, contudo, pode se tornar destrutiva quando a “autoridade” apresenta desvios de caráter e/ou o sujeito que obedece não possui valores morais sólidos.

Milgram diz que “as pessoas comuns, simplesmente cumprindo seus deveres, e sem qualquer hostilidade especial, podem se tornar agentes de um terrível processo destrutivo. E mais ainda, mesmo quando os efeitos destrutivos do seu trabalho ficam bem claros, e pede-se a essas pessoas para realizarem coisas incompatíveis com os padrões fundamentais de moralidade, relativamente poucas pessoas têm condições de resistir à autoridade. Uma variedade de inibições para desobedecer à autoridade vem à tona e consegue que a pessoa continue em sua função”[3].

Precisamos estar atentos, pois muitos se consideram imunes à atitudes destrutivas para com outras pessoas e, em

seus estudos, Milgram observou que a grande maioria realmente se considera imune e, inclusive, acreditavam que não haveria muitas pessoas dispostas a tais atitudes. Contudo, a pesquisa envolvendo pessoas comuns da sociedade demonstrou o oposto. Em um experimento, trinta e sete de quarenta adultos aplicaram, em outra pessoa, o choque mais forte do gerador, sem saberem que se tratava de um ator e de um gerador falso [3].

Experimentos semelhantes foram realizados em várias oportunidades, com o mesmo resultado: sob o comando de uma “autoridade” o ser humano é capaz de obedecer, mesmo questionando-se e, inclusive, causando danos à outrem.

Mais recentemente, em 2010, um “reality show” - uma reprodução do experimento de Milgram - da televisão francesa, intitulado O Jogo da Morte, utilizou de tortura para demonstrar o poder (autoridade) da televisão enquanto instituição, expondo os perigos da “autoridade”. Neste jogo, os participantes punem com descargas elétricas aqueles que não respondem corretamente às perguntas, apesar de ouvirem os gritos da “vítima”, no caso, um ator. Neste evento, oito em cada dez participantes cumprem até o fim as ordens da apresentadora e chegaram a dar descargas elétricas de até 460 volts [4].

Esta questão da obediência cega conduziu à seguinte frase de Charles Percy Snow, romancista e físico-químico inglês: "Quando você pensa na longa e sombria história do homem, você descobrirá que crimes mais hediondos foram cometidos em nome da obediência do que jamais cometidos em nome da rebelião"[5].

Podemos remontar ao Velho Testamento a imposição cega à “autoridade”, na passagem em que, supostamente, Deus ordena Abraão matar seu filho. Abraão obedecia o comando, executando conscientemente uma série de etapas até que um

anjo o faz parar antes de consumir o fato. Nesta passagem, a atitude de Abraão é tida como fé, contudo, como visto, é apenas a capacidade humana de causar danos à outrem quando sob comando.

Jesus veio combater este tipo de reação e, em muitos dos seus ensinamentos, apresenta a figura da autoridade como equivocada, ressaltando a necessidade da ponderação diante das situações. O Espiritismo, por sua vez, em seus ensinamentos mais básicos, ressalta a necessidade da fé raciocinada.

Em suma, a libertação da consciência se trata de, independentemente de qualquer coisa, ponderar antes de agir.

#### Notas bibliográficas:

1. G1 - [www.globo.com; https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2018/12/17/forcas-tarefas-somam-mais-de-400-denuncias-contra-joao-de-deus-preveem-novo-depoimento-e-tambem-vao-apurar-lavagem-de-dinheiro.ghtml](https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2018/12/17/forcas-tarefas-somam-mais-de-400-denuncias-contra-joao-de-deus-preveem-novo-depoimento-e-tambem-vao-apurar-lavagem-de-dinheiro.ghtml)
2. BBC Brasil; <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-47152183>
3. Stanley Milgram; Obediência à Autoridade.
4. G1 - <http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL1534639-5602,00-DOCUMENTARIO+FRANCES+MESCLA+TORTURA+E+REALITYSHOW+PARA+MOSTRAR+PODER+DA+TV.html>
5. Charles Percy Snow; Either-or, The Progressive (1961).
6. Velho Testamento, Gênesis 22.

Maio de 2019

## Relações Entre Desencarnados

O tema em análise, as relações entre os desencarnados, é muito interessante e pertinente, pois, o aprimoramento do entendimento desta questão conduzirá à uma melhor compreensão do nosso entendimento pessoal com relação ao processo evolutivo em si e o motivo pelo qual nos agrupamos, no processo reencarnatório, com aqueles que apresentam características comuns. Nesta condição, estaremos mais aptos para a reforma íntima pela certeza de que os objetivos podem ser alcançados.

Visando estabelecer parâmetros de avaliação da organização social na condição de desencarnados, Kardec pergunta se há hierarquia, subordinação e autoridade. A resposta, contudo, é, se assim podemos dizer, inesperada, pois, disseram que “os espíritos têm uns sobre os outros a autoridade correspondente ao grau de superioridade que hajam alcançado, autoridade que eles exercem por um ascendente moral irresistível” [1].

O termo “irresistível”, utilizado nesta resposta, demonstra que a hierarquia moral não pode ser desconsiderada e ignorada entre os desencarnados [2].

Para nós, encarnados, pode ser difícil de compreender o significado de uma autoridade moral irresistível, pois, em geral, a autoridade é decorrente da posição do indivíduo, seja social, profissional ou financeira. Além do mais, Jesus, o espírito mais evoluído que já esteve encarnado na Terra, foi tratado de forma bárbara. Todavia, não podemos deixar de mencionar que muitos reconheceram sua superioridade.

Na condição de espíritos compatíveis com um mundo de expiações e provas, desenvolvemos uma obliteração das percepções da própria essência espiritual, creditando importância unicamente ao que pode ser perceptível através dos sentidos físicos ou, de alguma forma, mensurável. Em decorrência, tendemos apenas à comparação entre pares, tendo isso como única e última realidade.

Devemos, contudo, considerar que as realidades são múltiplas.

Tomemos, como exemplo, uma ave que se posiciona na borda do parapeito de um prédio de vinte andares, o que deve corresponder à uma altura de sessenta metros. Nesta situação, a ave se mantém tranquila enquanto uma pessoa se sentiria temerária da queda e, muitos, nem se aproximam do parapeito.

Esses dois seres, a ave e a pessoa, vivem realidades diferentes. Para o primeiro, não há queda e vive livre em um mundo tridimensional; para o segundo, a queda significa vida ou morte e vive limitado à duas dimensões. Não há meios de comparar dois seres se eles vivem duas realidades diferentes.

Assim como não podemos analisar a realidade da ave segundo as limitações humanas, também não podemos interpretar as relações de além-túmulo segundo as limitações de encarnados.

A construção psíquica da realidade do encarnado é diferente daquela do desencarnado. Este ponto é crucial para a interpretação da necessidade da encarnação, o livre-arbítrio e o auxílio vertido pelo Alto. Tentaremos, agora, analisar estas questões segundo a ótica apresentada anteriormente.

Sabemos que o espírito “pode melhorar-se muito, tais sejam a vontade e o desejo que tenha de consegui-lo. Todavia, na existência corporal é que põe em prática as ideias que adquiriu”[3]. Sabemos, além disso, que o estado espiritual é o

estado normal do espírito; é neste estado que o espírito colhe os frutos do progresso realizado pelo trabalho da encarnação e decide o que pôr em prática na reencarnação seguinte [4]. Sobretudo, o espírito progride na erraticidade, onde adquire conhecimentos especiais que não poderia obter na Terra, os quais modificam a sua forma de pensar [4].

É na erraticidade que o espírito sofre a influência moral daqueles que lhe são superiores de forma irresistível; esta influência promove alterações no seu psiquismo de forma mais intensa. Todavia, essa ação, por ser irresistível, inibe, por assim dizer, o livre-arbítrio. Para que seu livre-arbítrio seja respeitado, é necessário que o espírito se encontre fora desta influência para que, por opção, decida por incorporar o que aprendeu em seu comportamento, isto é, promova o reajustamento psíquico para corresponder ao que lhe cabe na grande obra da Criação, deixando, desta forma, de ser apenas um espírito rebelde às Leis. Assim, a encarnação é a condição em que o ascendente moral irresistível dos que nos são superiores é inibido, a tal ponto da superioridade moral de Jesus não ter sido percebido por todos.

Todavia, isso não significa um abandono dos espíritos superiores, mas, a influência deixa de ser irresistível para se transmutar em sugestões para que sejamos responsáveis pelos nossos atos e, também, para que o reajustamento mental possa se fortalecer e se tornar permanente. O amparo do Alto sempre se faz presente, mas na medida certa das nossas necessidades.

Entre os espíritos elevados, na condição em que a encarnação não é mais necessária, a hierarquia se mantém, contudo, o mal não mais impera e não mais importa, isto é, não há mais distinção entre ascendente moral irresistível e sugestão para o bem, pois os bons não mais se ocupam com o mal e

buscam, naturalmente, seguir as orientações que conduzem ao seu aprimoramento.

Notas bibliográficas:

1. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, Questão 274.
2. Ibidem; Questão 274 a.
3. Ibidem; Questão 230.
4. \_\_\_\_; O Céu e o Inferno, Parte I, Cap. III, item 10.

Junho de 2019

## O Sono

Considerando a estrutura da psique conforme apresentada por Carl G. Jung e conceitos da Doutrina Espírita, podemos dizer que, em algum ponto na caminhada evolutiva, ocorreu uma ruptura em nosso psiquismo e, neste evento, deveríamos ter buscado a reparação que, certamente, deve estar disponível para todos. Todavia, em nosso caso, uma vez que nos encontramos ligados à um mundo de expiações e provas, não tomamos a postura adequada diante do ocorrido, o que promoveu o aumento desta ruptura.

Neste desenrolar, surge o ego e, assim, perdemos a consciência da finalidade da criação e a substituímos pelas sensações da matéria, tomando a segunda pela primeira. Como consequência da postura egocentrista, surge o apego, depois, o orgulho e, por último, o egoísmo.

Nesta concepção limitada de si mesmo, de que tudo está relacionado com o seu corpo, o espírito aqui vivente crê que, quando dorme, ao “perder” os sentidos físicos, se encontra em completa inconsciência e, por isso, inativo.

Desta forma, podemos entender as palavras de Léon Denis quando diz que “o homem é para si mesmo um mistério vivo. De seu ser não se conhece nem utiliza senão a superfície. Há em sua personalidade profundezas ignoradas em que dormitam forças, conhecimentos, recordações acumuladas no curso das anteriores existências, um mundo completo de ideias, de faculdades, de energias, que o envoltório carnal oculta e apaga, mas que despertam e entram em ação no sono normal e no sono magnético”[1].



Encontramos, na Codificação Espírita, informação pertinente e clara para o entendimento do que seja o sono e, também, da sua necessidade para o espírito encarnado.

Partindo do conceito de que somos constituídos de três partes fundamentais: espírito, perispírito e corpo físico, Kardec, mostrando clareza profunda, faz um questionamento muito interessante: O Espírito encarnado permanece de bom grado no seu envoltório corporal? A resposta, todavia, é inesperada, pois, os espíritos responsáveis pela Codificação dizem que “é como se perguntasses se ao encarcerado agrada o cárcere...”[2].

Assim, precisamos perguntar que tipo de espírito se sente num cárcere, pois, em geral, não nos sentimos assim. Não nos sentirmos em um cárcere será bom ou não? Para respondermos esta pergunta é preciso diferenciar os níveis evolutivos.

Em O Livro dos Espíritos encontramos a seguinte afirmação: "O sono liberta a alma parcialmente do corpo. Quando dorme, o homem se acha por algum tempo no estado em que fica permanentemente depois que morre. Tiveram sonos inteligentes os espíritos que, desencarnando, logo se desligam da matéria. Esses espíritos, quando dormem, vão para junto dos seres que lhes são superiores. Com estes viajam, conversam e se instruem... Ainda esta circunstância é de molde a vos ensinar que não deveis temer a morte, pois que todos os dias morreis... Isto, pelo que concerne aos espíritos elevados"[3].

Vemos, por esta colocação, que para aqueles que se reconhecem como espíritos, o sono é uma oportunidade de se juntarem aos mais evoluídos e aproveitarem a oportunidade para o próprio aperfeiçoamento. Espíritos de um certo nível evolutivo anseiam pela oportunidade de trabalhos mais

elevados. Para aqueles que desejam trabalhar pela própria evolução, a ligação com o corpo é um tipo de cárcere.

Na continuação do texto em O Livro dos Espíritos, temos que: "Pelo que respeita ao grande número de homens que, morrendo, têm que passar longas horas na perturbação, na incerteza de que tantos já vos falaram, esses vão, enquanto dormem, ou a mundos inferiores à Terra, onde os chamam velhas afeições, ou em busca de gozos quiçá mais baixos do que os em que aqui tanto se deleitam. Vão beber doutrinas ainda mais vis, mais ignóbeis, mais funestas do que as que professam entre vós..."[3].

Estando ligados à um mundo na categoria de expiações e provas, como é o caso do planeta Terra e em decorrência do que foi apresentado no início deste texto, a vida orgânica é tudo o que conhecemos e, por isso, não conseguimos vislumbrar a potencialidade que todos possuem enquanto espíritos, pois, afinal, somos Criações de Deus e, como consta no livro A Gênese, participamos dos atributos da Divindade [4]. Nos atendo às questões materiais, permanecemos ligados às sensações de prazeres mais grosseiros.

Revisitando a pergunta sobre quem se sente num cárcere, fica claro que a resposta positiva ou negativa para se perceber como tal é decorrente do tipo de interesse com que o espírito se ocupa. Desta forma, nos cabe conduzir a mente para interesses cada vez mais elevados para que possamos utilizar as horas de sono de forma mais proveitosa para nossa caminhada na senda evolutiva.

Notas bibliográficas:

1. Léon Denis; No Invisível, pg 131.
2. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, Questão 400.

3. Ibidem; Questão 402.
4. \_\_\_\_; A Gênese, cap. III.

Julho de 2019

## O Sonho

No texto publicado neste jornal, na edição de junho de 2019 [1], tendo o sono como tema, foi dito que, combinando a estrutura da psique conforme apresentada por Carl G. Jung e conceitos da Doutrina Espírita, pode-se concluir que houve, no nosso caso, espíritos ligado à um mundo de expiações e provas, uma ruptura do psiquismo do espírito ao longo da sua caminhada evolutiva. Dando seguimento ao que não deixa de ser um assunto correlato, nesta edição, trataremos sobre o sonho.

No texto sobre o sono [1], iniciamos a análise da resposta apresentada na questão 402 de O Livro dos Espíritos [2], e agora, dando continuidade à mesma resposta, temos que “o sonho é a lembrança do que o espírito viu durante o sono. Notai, porém, que nem sempre sonhais. Que quer isso dizer? Que nem sempre vos lembrais do que vistes, ou de tudo o que haveis visto, enquanto dormíeis”[2].

A afirmação de que “o sonho é a lembrança do que o espírito viu durante o sono” precisa ser adequadamente interpretada, pois, muitas vezes, os sonhos são muito estranhos e não fazem muito sentido quando analisados sob a perspectiva de ser uma vivência bem definida. Para tanto, recorreremos ao que diz Léon Deniz e, ainda, à outra questão de O Livro dos Espíritos.

Léon Denis, importante divulgador da Doutrina Espírita, no livro intitulado No Invisível, identificou três tipos principais de sonhos [3]:

- 1) Sonho ordinário – puramente cerebral, simples repercussão das disposições físicas ou preocupações morais, além do reflexo das impressões arquivadas no cérebro durante a vigília.
- 2) Primeiro grau de desprendimento – mergulha no oceano de pensamentos e imagens, que de todo lado rolam no espaço, deles se impregna, e aí colhe impressões confusas, tem estranhas visões e inexplicáveis sonhos, podendo mesclar com reminiscências de vidas anteriores.
- 3) Sonhos etéreos – o espírito se subtrai à vida física, desprende-se da matéria, percorre a superfície da Terra e a imensidade, onde procura os seres amados e guias espirituais.

Percebemos que o conceito de sonho é mais complexo do que normalmente é interpretado e, conseqüentemente, esta complexidade precisa ser considerada na colocação dos espíritos que foi mencionada anteriormente, com relação a se tratar de uma lembrança.

Além disso, novamente em O Livro dos Espíritos, Kardec questiona o motivo pelo qual nem sempre nos lembramos das vivências durante os momentos de sono, pois, costumamos lembrar daquelas que ocorrem no estado de vigília. Os espíritos respondem que “... como é pesada e grosseira a matéria que o compõe, o corpo dificilmente conserva as impressões que o espírito recebeu, porque a este não chegaram por intermédio dos órgãos corporais”[4].

Na sequência da avaliação para aprimoramento do entendimento do que representa o sonho para o espírito, enquanto um ser que se manifesta em múltiplas condições de existência, é preciso combinar esta resposta apresentada à

Kardec pelos espíritos [4] com a teoria da psique conforme apresentada por Jung.

Segundo o psiquiatra suíço, a psique é formada por três partes principais, a saber [5]: o consciente, o inconsciente pessoal e aquilo que denominou de inconsciente coletivo o qual Joanna de Ângelis veio esclarecer se tratar do acervo do espírito [6].

Desta forma, podemos compreender o consciente e o inconsciente pessoal como regiões da psique ligadas diretamente ao cérebro físico. Todo conteúdo presente nestas duas regiões são decorrentes de experiências e aprendizados que ocorrem por intermédio deste órgão físico, ou seja, em estado de vigília.

Em contrapartida, o inconsciente coletivo, na terminologia de Jung, não está ligado ao cérebro físico sendo, portanto, esta região da psique utilizada durante o sono físico. Estando dissociada do cérebro físico, não é percebida no estado de vigília.

Contudo, no processo de despertar do sono físico, parte do material vivenciado poderá transpor a barreira para o consciente e, por isso, trazemos uma lembrança fragmentária na forma de sonhos.

É preciso esclarecer, no entanto, que esta abordagem não seria válida para o sonho do tipo ordinário, na colocação de Léon Denis [3], por ser este de origem cerebral, isto é, conteúdos da vida cotidiana como escarnado, não se tratando de uma vivência, mas apenas rememoração de acontecimentos. Todavia, esta mesma abordagem pode ser aplicada para o caso do esquecimento, na reencarnação, de conteúdos relacionados com outras experiências como encarnado.

## Notas bibliográficas:

1. Claudio C. Conti; O Sono, Jornal Correio Espírita, edição de junho de 2019.
2. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, Questão 402.
3. Léon Denis; No Invisível, pg. 156 e 157.
4. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, Questão 403.
5. Jung, C. G.; Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo, pg 15.
6. Joanna de Ângelis (Psicografia de Divaldo Franco); Triunfo Pessoal, pg. 23.

Agosto de 2019

## **Visitas Espíritas entre Pessoas Vivas**

A afirmação de que encarnados se visitam durante o sono, seja natural ou induzido, pode causar consternação, pois, não costumamos pensar em nós mesmos como espíritos. Temos a tendência em não considerar que tudo aquilo que a Doutrina diz com relação aos espíritos, todos os fenômenos, também se aplica aos encarnados. Contudo, é imperioso termos a certeza de que somos todos espíritos, encarnados ou não, e, inclusive, há a possibilidade de um encarnado em desdobramento se manifestar, por um processo mediúnico, através de um médium.

Léon Denis, muito sabiamente, disse que “o homem é para si mesmo um mistério vivo. De seu ser não se conhece nem utiliza senão a superfície. Há em sua personalidade profundezas ignoradas em que dormitam forças, conhecimentos, recordações acumuladas no curso das anteriores existências, um mundo completo de ideias, de faculdades, de energias, que o envoltório carnal oculta e apaga, mas que despertam e entram em ação no sono normal e no sono magnético”[1].

A emancipação da alma, durante o sono, ocorre com todos os encarnados por ser mesmo uma necessidade, um refúgio das agruras da encarnação. Diante disto, Kardec questionou os espíritos se esta aparente dualidade seriam duas existências simultâneas, uma, ligada ao corpo físico, permitindo uma vida de relação mais ostensiva e outra, liberta do corpo, proporcionando a vida de relação oculta. A resposta,



no entanto, foi muito clara: “No estado de emancipação, prima a vida da alma. Contudo, não há, verdadeiramente, duas existências. São antes duas fases de uma só existência...”[2].

Neste contexto, tomemos como exemplo a cidade do Rio de Janeiro, com mais de seis milhões de habitantes. Quantos destes se conhecem e mantém um laço afetivo? Quantos possuem interesses em comum? Podemos considerar que, à noite, a maior parte se encontra em desdobramento. Como não mantemos relações com outros encarnados apenas no estado de vigília, muitos que não se conhecem enquanto encarnados, podendo, inclusive, se cruzarem nos caminhos da vida e não se reconhecerem, quando emancipados, são grandes amigos ou mantém profundo laço afetivo.

Falamos de seis milhões de pessoas apenas na cidade do Rio de Janeiro, contudo, quando consideramos o planeta como um todo, este número ultrapassa sete bilhões de pessoas. É impossível estimar quantas se conhecem enquanto espíritos, mas não como encarnados.

Os espíritos responsáveis pela Codificação Kardequiana dizem que: “Muitos que julgam não se conhecerem costumam reunir-se e falar-se. Podes ter, sem que o suspeites, amigos em outro país. É tão habitual o fato de irdes encontrar-vos, durante o sono, com amigos e parentes, com os que conheceis e que vos podem ser úteis, que quase todas as noites fazeis essas visitas”[3].

Em decorrência, podemos conceber o quanto nossa existência é rica em experiências, pois, durante o sono, não temos as limitações de trânsito imposta pela matéria. Assim, um deslocamento de um país para outro pode se realizar com a velocidade do pensamento, sem necessidade de aeroporto, passagens, tarifas, traslado, etc. Os espíritos percorrem o

espaço com a rapidez do pensamento [4], pois a matéria densa impõe limitação ao corpo, mas não à alma [4].

Um fato interessante é que o espírito não necessariamente percebe a distância que percorre, assim, uma “viagem longa”, transcorrendo com a rapidez do pensamento, é instantânea e, se não for consciente, pode não ser percebida pelo viajante. Em contrapartida, nas “viagens conscientes” o espírito poderá se aperceber de todo o trajeto. A possibilidade, ou melhor, capacidade de realizar as “viagens conscientes” está atrelada ao entendimento do espírito e ao seu nível evolutivo. Isto é informado na Codificação, ao dizerem que “o espírito pode perfeitamente, se o quiser, inteirar-se da distância que percorre, mas também essa distância pode desaparecer completamente, dependendo disso da sua vontade, bem como da sua natureza mais ou menos depurada”[5].

Parafraseando Léon Denis [1], o homem realmente é um mistério para si mesmo. Em decorrência da pouca capacidade de entendimento, ou de interesse, pois a pouca capacidade pode ser compensada pelo interesse em entender, o espírito compatível com um mundo de expiações e provas, tende a se ocupar com o que, de alguma forma, sensibiliza os sentidos físicos, acreditando, desta forma, ser tudo o que existe. Assim, em O Livro dos Espíritos encontramos o que ocorre no íntimo da maioria dos espíritos ligados à Terra: “entregam-se às paixões que os escravizaram, ou se mantêm inativos. Pode, pois, suceder, tais sejam os motivos que a isso o induzem, que o espírito vá visitar aqueles com quem deseja encontrar-se. Mas, não constitui razão, para que semelhante coisa se verifique, o simples fato de ele o querer quando desperto”[6].

Em contrapartida, para aqueles mais conscientes da sua realidade como espíritos, cientes da sua natureza mais básica, “adormecendo o homem, seu espírito desperta e, muitas vezes,

nada disposto se mostra a fazer o que o homem resolvera, porque a vida deste pouco interessa ao seu espírito, uma vez desprendido da matéria”[6].

O conhecimento apresentado pela Codificação Espírita é fundamental para espíritos ligados à um mundo de expiações e provas como a Terra, somos equivocados por definição e, portanto precisamos trabalhar pela própria transformação.

#### Notas bibliográficas:

1. Léon Denis; No Invisível, pg. 131.
2. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, Questão 413.
3. Ibidem; Questão 414.
4. Ibidem; Questão 89.
5. Ibidem; Questão 91.
6. Ibidem; Questão 90.
7. Ibidem; Questão 416.

Setembro de 2019

## **Transmissão de Pensamento**

Falar no meio acadêmico sobre o tema em questão, a transmissão de pensamento de uma pessoa para outra, causa embaraço e não é aceito, por isso, muito ainda é evitado.

Um exemplo interessante é que, no campo da Ciência, é ressaltado a grande importância de William Crookes, em suas diversas áreas de estudo e descobertas na Física e na Química. Todavia, não se ouve nada a respeito da sua atuação nos fenômenos do espiritualismo. Inclusive, foi Crookes que cunhou o termo “matéria radiante”, muito citado no meio espírita, apesar de ser um termo incorreto. O termo correto para o quarto estado da matéria é “plasma”, o qual se estabelece em condições muito específicas.

Outro exemplo similar está relacionado com o Eletroencefalograma - EEG. Seu inventor, Hans Berger, psiquiatra alemão, quando ainda jovem e morando longe de seus familiares, sofreu uma queda enquanto cavalgava. Naquela noite, recebeu um telegrama de sua família que estava preocupada com seu bem estar, pois, sua irmã teve um pressentimento [1].

Este evento lhe causou uma profunda transformação e, a partir deste episódio, direcionou seu interesse para a psique humana e, na busca de entendimento, descobriu uma forma de detectar as ondas cerebrais, hoje conhecido como EEG [1].

Hans Berger conduziu numerosos experimentos visando compreender os processos da psique humana e a neurociência moderna tem muito o que agradecer a este pesquisador [1].

Apesar de, como dito anteriormente, não ser um assunto amplamente abordado no meio acadêmico, a transmissão de

pensamento, ou telepatia, atrai a atenção de muitos pesquisadores que estudam o tema. Uma importante obra que apresenta extensa análise desta questão é intitulada *Mentes Entrelaçadas*, em tradução livre. O autor, Dean Radin, é um cientista com ampla experiência.

Neste livro, Dean Radin apresenta o resultado de vários experimentos envolvendo a transmissão de pensamento, assim como teorias sobre seu funcionamento. O título, *Mentes Entrelaçadas*, faz uma alusão ao conhecido entrelaçamento quântico, no qual partículas se encontram de tal forma conectadas, quando originadas de um único fenômeno, que apresentam comportamentos iguais quando sujeitos à alguma interferência, mesmo estando à longa distância uma da outra.

Na abordagem espírita, temos que os espíritos podem se comunicar independentemente do estado em que se encontrem, seja na vigília ou no sono. Contudo, no estado de vigília a comunicação é mais difícil [2]. Talvez, esta dificuldade esteja em ser menos perceptível.

Não menos interessante é a questão número 421 de *O Livro dos Espíritos*, na qual Kardec pergunta se haveria uma explicação para que "duas pessoas, perfeitamente acordadas, tenham instantaneamente a mesma ideia"[3]. A resposta apresentada é se tratar de "dois espíritos simpáticos que se comunicam e vêm reciprocamente seus pensamentos respectivos"[3].

Nesta nossa análise vemos uma semelhança entre mentes entrelaçadas, conforme expresso por Dean Radin, e espíritos simpáticos, conforme a Doutrina Espírita. Assim, de alguma forma, espíritos simpáticos apresentam a propriedade de sentirem, ou perceberem, interferências que possam afetar um deles, conforme o ocorrido entre Hans Berger e sua irmã.

Nesta relação, um espírito poderá perceber, inclusive, a repercussão do pensamento de outro espírito sobre si mesmo.

A transmissão do pensamento de uma pessoa à outra não é trivial, podemos dizer, até mesmo, ser de difícil entendimento. Inclusive, podemos ressaltar que a terminologia utilizada, transmissão de pensamento, é comumente interpretada como “algo”, o pensamento, viajando de um ponto à outro. Todavia, o entendimento de mentes entrelaçadas e de que espíritos simpáticos se comunicam e vêem reciprocamente seus pensamentos respectivos, não deve ser entendido como “algo” cruzando o espaço, mas uma interferência direta de processos mentais no fluido, independentemente do espaço. É importante ter em mente que “os espíritos atuam sobre os fluidos espirituais, não manipulando-os como os homens manipulam os gases, mas empregando o pensamento e a vontade”[4].

Nesta visão podemos considerar que o espírito elabora processos mentais - lembranças, decisões, ponderações, aprendizado, sentimentos, emoções, etc. - que repercutem no fluido de alguma forma, o que dependerá da natureza do processo mental. Poderíamos, então, considerar o pensamento como a resultante relacionada com o processo mental, isto é, a repercussão. Em outras palavras, o pensamento não viaja, não percorre espaço, mas age pontualmente segundo o interesse do ser pensante.

Podemos, desta forma, considerar três níveis de entendimento para o pensamento: 1) Transmissão através de um condutor, tal como o telégrafo na época de Kardec ou telefones com fio; 2) Transmissão semelhante às ondas eletromagnéticas, em que não há necessidade de um fio condutor, tal como na telefonia sem fio - o telefone celular e; 3)

Processos quânticos de ação do observador sobre o fluido, o qual pode ser percebido e reconhecido por outro espírito.

Notas bibliográficas:

1. Dean Radin; Entangled Mind, Cap. 2.
2. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, Questão 420.
3. Ibidem; Questão 421.
4. \_\_\_; A Gênese, Cap. XIV, item 14.

Outubro de 2019

## Sono e Sonambulismo

Léon Denis expressa com grande maestria a realidade da natureza humana ao dizer que “o homem é para si mesmo um mistério vivo. De seu ser não se conhece nem utiliza senão a superfície. Há em sua personalidade profundezas ignoradas em que dormitam forças, conhecimentos, recordações acumuladas no curso das anteriores existências, um mundo completo de ideias, de faculdades, de energias, que o envoltório carnal oculta e apaga, mas que despertam e entram em ação no sono normal e no sono magnético”[1].

Vemos, portanto, que durante o sono muitas das potencialidades humanas ficam ativas. Contudo, além do sono, o sonambulismo também é um estado em que outras mais potencialidades da alma fiquem ativas. Há diferenças e similaridades entre estes dois estados, mas ambos se assentam sobre o mesmo princípio: a emancipação da alma. Emancipação significa libertação e, para que essa “libertação” ocorra, é necessário uma predisposição do organismo físico.

Para adentrar nestas questões, é preciso ter em mente que o ser humano é constituído por três partes principais: espírito, perispírito e corpo físico. A constituição do perispírito, por sua vez, não é a mesma para todos os espíritos; dependendo do seu grau de adiantamento será mais ou menos sutil. Diante disto, podemos compreender que a quantidade de matéria que “envolve” o espírito proporcionará limitações para sua manifestação, pois, quanto mais matéria, maior a limitação. Como exemplo, não podemos comparar a versatilidade durante o verão, quando usamos roupas mais leves, com o inverno, quando normalmente vestimos roupas pesadas. Nos mundos



mais evoluídos, nos quais o espírito necessita de maior liberdade de ação, o envoltório material é muito mais sutil do que o corpo que conhecemos [2].

Embora comumente sejam utilizados termos relacionados com “envoltório”, não devemos imaginar que o espírito esteja enclausurado no corpo. Segundo os espíritos responsáveis pela Codificação Espírita, “a alma não se acha encerrada no corpo, qual pássaro numa gaiola. Irradia e se manifesta exteriormente, como a luz através de um globo de vidro, ou como o som em torno de um centro de sonoridade. Neste sentido se pode dizer que ela é exterior, sem que por isso constitua o envoltório do corpo...”[3].

Em uma abordagem didática, podemos considerar, em uma extremidade, algo tão sutil e etéreo como o espírito e, na outra extremidade, algo tão material como a matéria densa. Para que seja possível uma comunicação perfeita entre estes dois extremos, a composição do perispírito, de um mesmo espírito, varia seguindo um sistema de camadas, onde as camadas mais sutis do perispírito ficam mais próximas do espírito, se adensando gradativamente até o contacto com o corpo físico.

Ao nos prepararmos para dormir, estamos, na verdade, nos preparando para um desprendimento. Durante o sono, o espírito se liberta parcialmente do corpo físico, mantendo-se ligado pelo cordão fluídico, que, didaticamente, podemos conceber como um fio condutor, através do qual o espírito é capaz de receber e transmitir informações, numa comunicação constante com o corpo físico, que permanece dormindo. Desta forma, mesmo com o espírito estando afastado do corpo, este não está abandonado e o espírito mantém o controle.

Apesar de soar estranho, o espírito tem uma grande necessidade destes momentos de libertação, não sendo nem

mesmo necessário que se esteja em sono profundo [4]. Neste estado de desdobramento, o espírito poderá se deslocar livremente, pois, o cordão fluídico não exerce nenhum impedimento, mesmo à longas distâncias.

Léon Denis dividiu os sonhos em três tipos principais [5]: 1) Sonho ordinário: puramente cerebral, simples repercussão das disposições físicas ou preocupações morais, além do reflexo das impressões arquivadas no cérebro durante a vigília; 2) Primeiro grau de desprendimento: mergulha no oceano de pensamentos e imagens, que de todo lado rolam no espaço, deles se impregna, e aí colhe impressões confusas, tem estranhas visões e inexplicáveis sonhos, podendo mesclar com reminiscências de vidas anteriores e; 3) Sonhos etéreos: No qual o espírito se subtrai à vida física, desprende-se da matéria, percorre a superfície da Terra e a imensidade, onde procura os seres amados e guias espirituais.

Em resumo, há três tipos do que é considerado sonho, sendo que um deles, o último, corresponde à lembranças das experiências do espírito enquanto desdobrado. E é precisamente neste grau de liberdade que há diferença com o sonambulismo.

É no estado de sonambulismo que o espírito desdobrado se encontra em condições de usufruir maior liberdade de ação, estado no qual, estando ainda mais livre, terá percepções muito mais apuradas que no sonho.

O interessante no sonambulismo é que o espírito pode usar o seu próprio corpo para efetuar qualquer ação, neste caso é que se dá o fenômeno de sonambulismo comumente conhecido, quando a ação do espírito sobre o corpo não é o mesmo de quando está em vigília.

Comparando o sono e o sonambulismo, é possível reconhecer que existem algumas gradações com que o espírito

poderá se libertar do corpo físico. Conforme já visto, a maior ou menor quantidade de matéria que impõe limites ao espírito. Assim, podemos considerar que o grau de liberdade em que o espírito poderá vivenciar está relacionado com a camada do perispírito em que ocorre o desdobramento. Quanto mais matéria o espírito carregar consigo, isto é, quanto mais próximo do corpo ocorrer a liberação, menor o grau de liberdade, em contrapartida, quanto mais próximo do espírito, maior o grau de liberdade.

Notas bibliográficas:

1. Léon Denis; No Invisível, pg. 131.
2. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, questão 186.
3. Ibidem; questão 141.
4. Ibidem; questão 407.
5. Léon Denis; O Invisível, pgs. 156 e 157,

Novembro de 2019

## Êxtase e Dupla Vista

O Espiritismo veio ensinar um grande número de lições, para o ser humano, a respeito de si mesmo. Em uma análise superficial, pode-se crer que esteja limitado à conceitos morais, contudo, não apenas isso, mas traz explicações sobre a necessidade da aplicação desses conceitos e os benefício advindos, além do esclarecimento sobre um sem número de fenômenos envolvendo a alma. Nas palavras de Kardec: “O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que dimanam dessas mesmas relações”[1].

Dentre os ensinamentos espíritas gostaríamos de ressaltar o que poderíamos denominar de “segunda vida” do espírito, isto é, sua existência durante o período de sono. Desta forma, os nossos pensamentos e comportamento durante o estado de vigília dita os nossos interesses e, com isso, os locais em que iremos com maior liberdade propiciada pelo sono.

No texto intitulado Sono e Sonambulismo, publicado neste jornal na edição de outubro, apresentamos o conceito de que a quantidade de matéria estabelece o grau de liberdade do espírito durante o sono - quanto maior a quantidade de matéria, menor o grau de liberdade. Desta forma, a facilidade de deslocamento e o meio em que se manifestará está relacionado com a camada do perispírito em que ocorre o desdobramento [2].

Sono, sonambulismo, êxtase e dupla vista são fenômenos a que o espírito está sujeito e, devido ao pouco conhecimento sobre estas questões, muito variadas podem ser as consequências devido a uma avaliação errônea, por parte de profissionais da área médica, quando deparados com pacientes sujeitos a tais ocorrências. Contudo, devido a semelhanças e peculiaridades de cada uma, apresentam uma acerta dificuldade para o seu entendimento.

Quais seriam as semelhanças e as diferenças entre sono, sonambulismo e êxtase? E a dupla vista estaria relacionado a esses assuntos? Todos estes fenômenos compartilham do mesmo princípio: a emancipação da alma. O estado de sono é comum à todos os espíritos encarnados na Terra, contudo, o sonambulismo, o êxtase e a dupla vista dependem de uma predisposição da organização física.

Esta questão é apresentada muito claramente em O Livro dos Espíritos quando dizem que "há disposições físicas que permitem ao espírito desprender-se mais ou menos facilmente da matéria"[3].

O espírito, parcialmente liberto, podendo se deslocar facilmente, irá para o local que lhe interessar. Desta forma, alguém preocupado com seu trabalho poderá, durante o sono, se ocupar de seu ofício profissional; aqueles que gostam de festas e lugares barulhentos irão, com toda certeza para boates, bares, etc.; aqueles que se dedicam ao estudo, irão para locais onde estejam sendo realizadas reuniões de estudo; ainda existem aqueles que, devido ao ócio, nem saem do quarto, permanecendo ao lado do corpo em completa inércia.

Ao compararmos os graus de liberdade, temos que no sono é menor que no sonambulismo que, por sua vez, é menor que no êxtase. Na condição em que se encontra, o extático pode, inclusive, visitar mundos superiores e usufruir, mesmo

que temporariamente, da felicidade que existe nestes mundos [4].

Contudo, por mais atrativo que possa parecer esta possibilidade de vivenciar um tipo de felicidade que ainda não se encontra na Terra, é uma condição que requer cuidados, pois, diante do que é inalcançável para os habitantes de um mundo de expiações e provas, o extático pode experimentar um desejo de não retornar. Com relação a esta questão os espíritos alertam que o extático “poderia morrer. Por isso é que preciso se torna chamá-lo a voltar, apelando para tudo o que o prende a este mundo, fazendo-lhe sobretudo compreender que a maneira mais certa de não ficar lá, onde vê que seria feliz, consistiria em partir a cadeia que o tem preso ao planeta terreno”[5].

Em resumo, durante o sono e o sonambulismo, o espírito transita pela Terra, podendo vivenciar experiências tanto do mundo material quanto do mundo espiritual, porém o extático é capaz de visitar mundos mais etéreos, superiores ao que vivemos, e vislumbrar as suas maravilhas e a felicidade.

A dupla vista, por sua vez, compartilha o mesmo princípio básico com o sono, sonambulismo e êxtase, sendo, também, um estado de libertação do espírito com relação ao corpo. Todavia, ocorre em estado de vigília. O espírito parcialmente “livre”, é capaz de entrar em contato com o mundo espiritual, podendo usufruir algumas de suas propriedades de espírito liberto. Nesta condição, é capaz de ver, sentir e ouvir além das limitações impostas pelo organismo físico [6].

Os sentidos pertencem ao espírito e não ao corpo físico, o corpo apenas exerce limitações ao mundo material em que se vive. Liberto, mesmo que momentaneamente, o espírito é capaz de ver além e através dos obstáculos físicos.

Destas possibilidades, compreendemos as palavras de Léon Denis: “o homem é para si mesmo um mistério vivo. De seu ser não se conhece nem utiliza senão a superfície”[7].

Notas bibliográficas:

1. Allan Kardec; O que é o Espiritismo, pg 40.
2. Claudio C. Conti; Jornal Correio Espírita, edição de outubro de 2019.
3. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, questão 433.
4. Ibidem; questão 440.
5. Ibidem; questão 442.
6. Ibidem; questão 447.
7. Léon Denis; No Invisível, pg. 131.